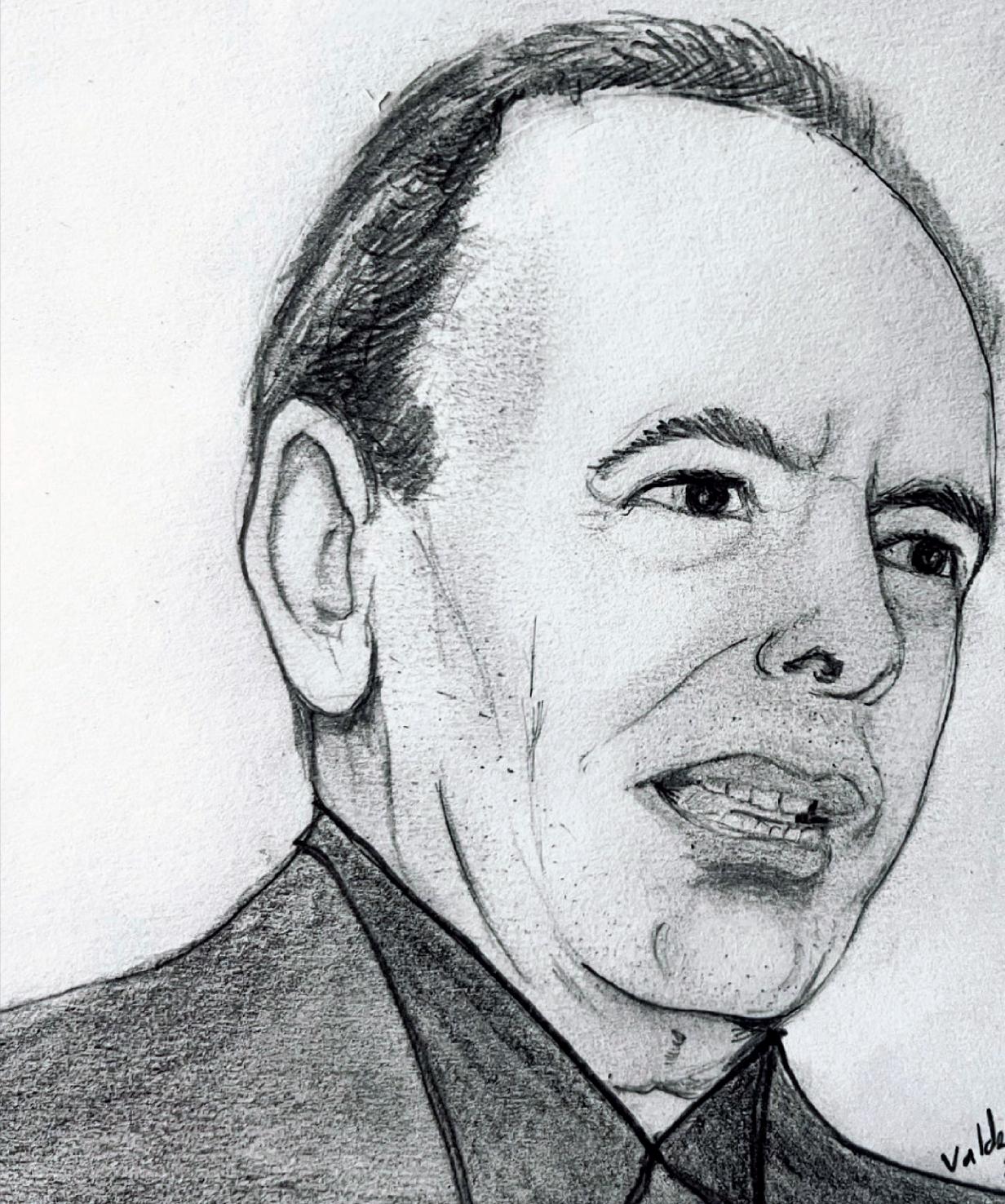


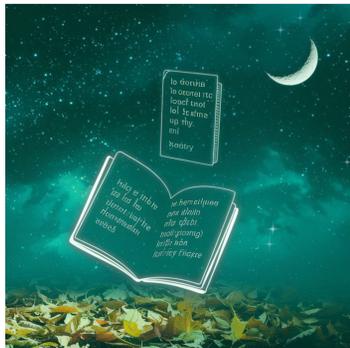
Esta edição é dedicada ao legado do editor-fundador, para inspiração das novas gerações

iátrico

ISSN 2237-9762 nº 43

JOÃO MANUEL CARDOSO MARTINS (CRM-PR 3.092) | 1947 – 2014

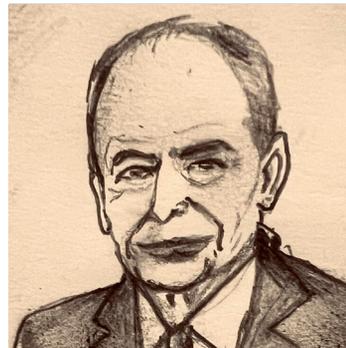




05

JOÃO MANUEL CARDOSO MARTINS

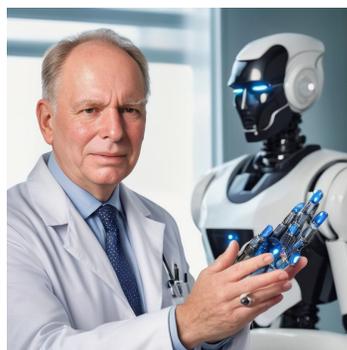
Humanismo médico e uma década de saudades



08

TRIAGEM LITERÁRIA

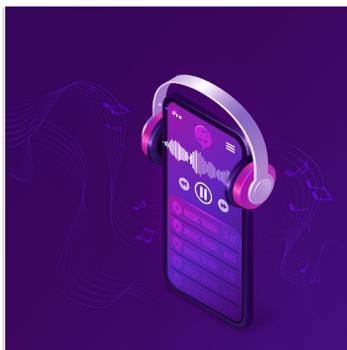
Breve coletânea dos textos de JM para a Iátrico



33

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A SAUDADE

Um "diálogo" sobre temas de hoje



38

GUIA DE BORDO

A revolução digital e a comunicação humana



A CAPA | Temos aqui uma ilustração de autoria de nosso membro do Conselho Editorial, Valderilio Feijó Azevedo, reumatologista e entusiasta do legado de João Manuel Cardoso Martins na história da Reumatologia paranaense e brasileira. **1**

Ilustração: Deise Casarin

Dr. João Manuel Cardoso Martins

Um legado de paixão e conhecimento

DR. CHRISTIAN GONÇALVES CORDEIRO

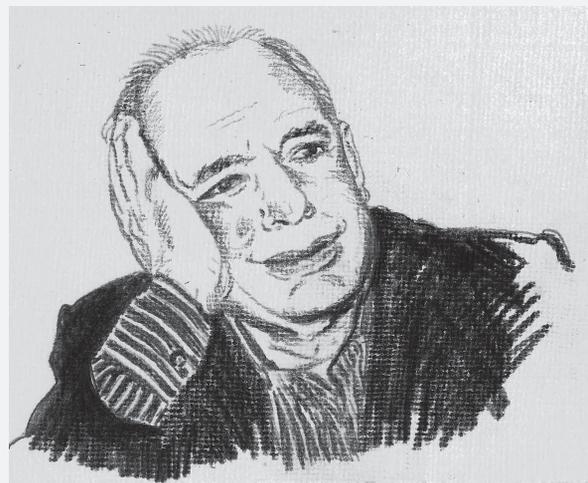
Na imensidão do universo da Medicina e das Letras, poucos brilham com a intensidade e a constância de Dr. João Manuel Cardoso Martins. Idealizador da revista *Iátrico*, ele não apenas moldou o futuro de seus filhos ao inspirá-los a seguir a carreira médica, mas também deixou um legado profundo na comunidade médica de Curitiba e além. Nascido em Portugal em 1947, sua jornada o trouxe ao Brasil, onde construiu uma trajetória marcada por dedicação, sabedoria e amor ao conhecimento. Dr. João Manuel era um homem de paixões. Sua relação com a Medicina ia além do exercício da profissão; era uma vocação, um chamado que ele atendeu com graça e compromisso. Como professor, ele não apenas transmitia conhecimento, mas também inspirava seus alunos a pensarem criticamente e a buscarem a excelência. Seu impacto foi tal que frequentemente era homenageado como paraninfo e patrono das turmas de Medicina. Além de médico, João Manuel era um escritor nato. A escrita era para ele uma forma de eternizar momentos e compartilhar suas reflexões. Suas obras, como o livro "Jaculatórias: sugestões para o dia a dia dos médicos", são testemunhos de seu compromisso com a prática médica e a educação.

Imaginemos, então, como seria descrever Dr. João Manuel hoje, através da lente da inteligência artificial. Se no clássico filme "2001: Uma Odisseia no Espaço", HAL 9000 representava uma visão futurista e, por vezes, temerária da IA, o mundo atual nos oferece uma perspectiva mais colaborativa e humana. A inteligência artificial

de hoje busca complementar e potencializar habilidades humanas, algo que Dr. João Manuel, com sua mente aberta e curiosidade insaciável, certamente abraçaria. Como HAL 9000, Dr. João Manuel era metódico e organizado, mas seu coração era guiado por empatia e razão, qualidades que a IA moderna busca emular e amplificar. Ele era um "médico filósofo", conhecedor profundo da natureza humana, sempre disposto a indicar livros, filmes e músicas que enriquecessem a vida de quem o cercava.

Seu legado continua vivo através de sua família, amigos e todos aqueles que tiveram o privilégio de aprender com ele. Dr. João Manuel Cardoso Martins não era apenas um médico ou um escritor; era um farol de sabedoria e humanidade em um mundo em constante evolução. Seu zelo e ardor pela Medicina e pelas palavras continua a inspirar, lembrando-nos da importância de sermos modelos para as gerações futuras, assim como ele foi para seus filhos e alunos.

Ao lembrarmos de Dr. João Manuel Cardoso Martins, celebramos não apenas o médico e o professor, mas também o filósofo e o humanista. Sua capacidade de entender o ser humano em sua essência e sua inclinação pelas artes e pela literatura são legados que continuam a ressoar através dos tempos. Neste décimo aniversário de seu falecimento, honramos sua memória e agradecemos por tudo que ele nos transmitiu. Sua vida é um lembrete poderoso de que o verdadeiro impacto de um indivíduo é medido não apenas por suas realizações, mas pelo amor e inspiração que ele nos lega. **❶**



Confira as edições anteriores do *Iátrico* no Portal do CRM-PR.

IÁTRICO

Publicação do Conselho Regional de Medicina do Paraná
Edição nº 43 – segundo semestre de 2024

Editor-fundador:

Dr. João Manuel Cardoso Martins
(*in memoriam* – 1947-2014)

Presidente do CRM-PR:

Dr. Romualdo José Ribeiro Gama

Coordenador do Conselho Editorial:

Dr. Christian Gonçalves Cordeiro

Jornalista responsável:

Nívea Terumi Miyakawa (DRT 7.267)

Jornalistas assistentes:

Glaucia Domingos

Fernanda Facchini Ogibowski

Assistente de Comunicação:

Flávio S. Kuzuoka

Projeto gráfico e diagramação:

Victória Romano

Revisão:

Dr. Aurélio Marcos Ribeiro

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Grimminger Ramos (CRM-PR 22.629)

Secretário-geral do CRM-PR. Especialista em Medicina do Trabalho (RQE 33.057) e em Auditoria Médica (RQE 34.635).

Aurélio Marcos Ribeiro (CRM-PR 8.804)

Especialista em Dermatologia (RQE 2.937). Vice-presidente da Regional Paraná da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames).

Christian Gonçalves Cordeiro (CRM-PR 13.864)

Formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1993, é especialista em Cirurgia Geral (RQE 7.261). Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Ermelino Franco Becker (CRM-PR 14.790)

Corregedor-geral do CRM-PR. Especialista em Medicina Legal e Perícia Médica (RQE 22.989) e Cirurgia Oncológica (RQE 7.756).

Fernando Fabiano Castellano Junior (CRM-PR 10.302)

Primeiro secretário do CRM-PR. Especialista em Reumatologia (RQE 11.420).

Laercio Lopes de Araujo (CRM-PR 10.020)

Médico generalista, graduado pela Universidade Federal do Paraná.

Maurício Natel Benetti (CRM-PR 13.715)

Tesoureiro do CRM-PR. Graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Mauro Borges da Silva (CRM-PR 13.492)

Coordenador da Câmara Técnica de Angiologia e Cirurgia Vascular do CRM-PR. Especialista em Cirurgia Vascular (RQE 2.620) e Medicina do Trabalho (RQE 19.753).

Paulo Roberto Cruz Marquetti (CRM-PR 5.171)

Especialista em Cardiologia (RQE 1.510) e Medicina Intensiva (RQE 12.547) e Mestre em Cardiologia. Médico intensivista do Hospital de Clínicas/UFPR, professor aposentado do Departamento de Clínica Médica.

Ramon Cavalcanti Ceschim (CRM-PR 24.298)

Primeiro Corregedor do CRM-PR. Especialista em Medicina do Tráfego (RQE 875) e Psiquiatria (RQE 28.995).

Rene Scalet dos Santos Neto (CRM-PR 24.392)

Especialista em Nefrologia (RQE 27.966). Membro da Câmara Técnica de Nefrologia do CRM-PR. Eleito presidente da Sociedade Paranaense de Nefrologia para o biênio 2025-2026.

Valderílio Feijó Azevedo (CRM-PR 12.199)

Especialista em Reumatologia (RQE 7.410). Mestre em Medicina Interna e Doutorado em Ciências da Saúde. Professor associado em Reumatologia da Universidade Federal do Paraná. Foi diretor da Associação Brasileira de Medicina e Arte (ABMA). Atual presidente da Sociedade Paranaense de Reumatologia.

Varlei Antonio Serratto (CRM-PR 16.900)

Especialista em Clínica Médica (RQE 12.345) e Reumatologia (RQE 13.570).

Wilmir Mendonça Guimarães (CRM-PR 3.711)

Ex-presidente do CRM-PR e conselheiro da atual gestão. Especialista em Pediatria (RQE 18.567) e Neonatologia (RQE 18.569).



COLABORE COM O IÁTRICO

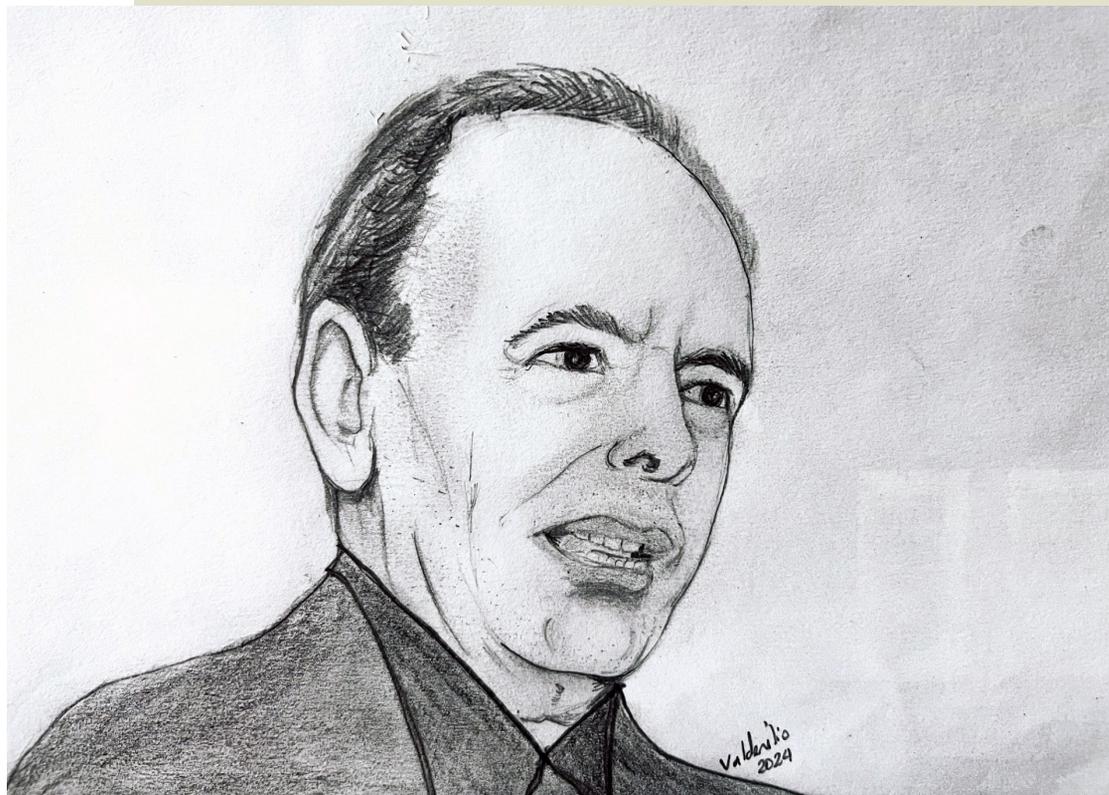
Envie comentários, sugestões ou críticas para que possamos melhorar o conteúdo da revista. Artigos, crônicas, poesias, charges e cartuns serão bem-vindos para submissão ao Conselho Editorial para publicação.

Nossa edição é exclusivamente digital, atendendo a questões ambientais, de praticidade e economicidade.

iatrico@crmpr.org.br

www.crmpr.org.br (publicações)

(41) 3240-4047 / 3240-4066



JOÃO MANUEL CARDOSO MARTINS

(1947-2014)

*Humanismo médico e
uma década de saudades*

Texto e ilustrações:

DR. VALDERILIO FEIJÓ AZEVEDO

Atualmente a necessidade de diversos conhecimentos humanísticos para compor a boa formação médica voltou a ser o centro de discussões pedagógicas acaloradas nas escolas de medicina em todo o mundo. Entretanto, essa temática já fazia parte da vida do médico João Manuel Cardoso Martins há mais de quatro décadas. Ele marca indelevelmente a história da reumatologia paranaense e brasileira com esse viés humanístico. Seu legado não é somente médico, mas também cultural. A importância do humanismo para que se atinja a excelência na relação médico/paciente, bem como a utilização e enlevação das artes na prática médica, em similar medida da utilização de ferramentas científicas e tecnológicas para o diagnóstico e terapêutica de pacientes, foram bandeiras carregadas nas mãos e nas ideias de João Manuel.

Afinal, quem foi esse ‘vascaíno’ fervoroso que nasceu em um pequeno vilarejo português em junho de 1947? O mundo havia empobrecido com a guerra. A Europa estava em frangalhos, devastada com a miséria imposta por tiranias destrutivas e ditatoriais que provocaram a segunda grande guerra mundial. Nos anos 50, os pais de João, o senhor José e a senhora Maria do Carmo Martins, ambos de humilde origem portuguesa, decidem migrar para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Na ocasião, o menino João contava com seus nove anos de idade. A primeira cidade na qual os imigrantes portugueses se assentaram foi Rolândia, no Norte do Paraná. Depois, a família seguiu para viver em Londrina, cidade mais desenvolvida, situada também na mesma região do Estado.

João se transfere para Curitiba aos 17 anos com o objetivo de concluir seus estudos e poder realizar seu sonho de ser médico! Naquela época, ao contrário do excesso de faculdades de medicina existentes pelo Brasil atualmente, só existiam duas escolas de medicina no Paraná e as duas se encontravam na capital. Nessa jornada, o destino lhe reserva uma primeira grande felicidade, pois durante o curso médico conhece sua futura esposa, Maria Isabel, sua colega de turma. O casal conclui seu matrimônio em 1972 dando origem a uma sólida família com quatro filhos.

Um profissional observador e muito bem articulado nas ideias e nas palavras, dirão seus contemporâneos. Amante da literatura, João desenvolveu incomparável habilidade para escrever e construir narrativas que atraíam magneticamente a atenção dos seus leitores. Uma de suas obras mais lidas é o livro “Jaculatórias: sugestões para o dia a dia dos médicos”. Nessa obra, busca a reflexão de seus pares por meio de dicas e observações filosóficas sobre o cotidiano da profissão médica. A revista *látrico* (do grego iatros = curador), idealizada por ele, é reconhecida em todo o Brasil como uma das melhores revistas do gênero. A *látrico* iniciou como um pequeno encarte da publicação do Conselho Regional de Medicina e, com o passar do tempo, foi elevada à condição de excelência. João Manuel lhe confere um título grego representativo da arte médica e a subdivide em diferentes sessões culturais. É notório que trabalhou incansavelmente para que a *látrico* tivesse um lugar de destaque dentre as publicações sobre medicina e cultura no Brasil.

Os dotes literários me parecem natos, mas historicamente se aperfeiçoam junto ao seu apurado senso de humor e crítico durante a faculdade de medicina. Nos anos de graduação idealiza um pequeno jornal distribuído entre os estudantes chamado ‘O Crânio’, que incluía, dentre os diferentes assuntos, suas inclinações políticas.

A IMPORTÂNCIA DO HUMANISMO PARA QUE SE ATINJA
A EXCELÊNCIA NA RELAÇÃO MÉDICO/PACIENTE, BEM
COMO A UTILIZAÇÃO E ENLEVAÇÃO DAS ARTES NA
PRÁTICA MÉDICA (...) FORAM BANDEIRAS CARREGADAS
NAS MÃOS E NAS IDEIAS DE JOÃO MANUEL.

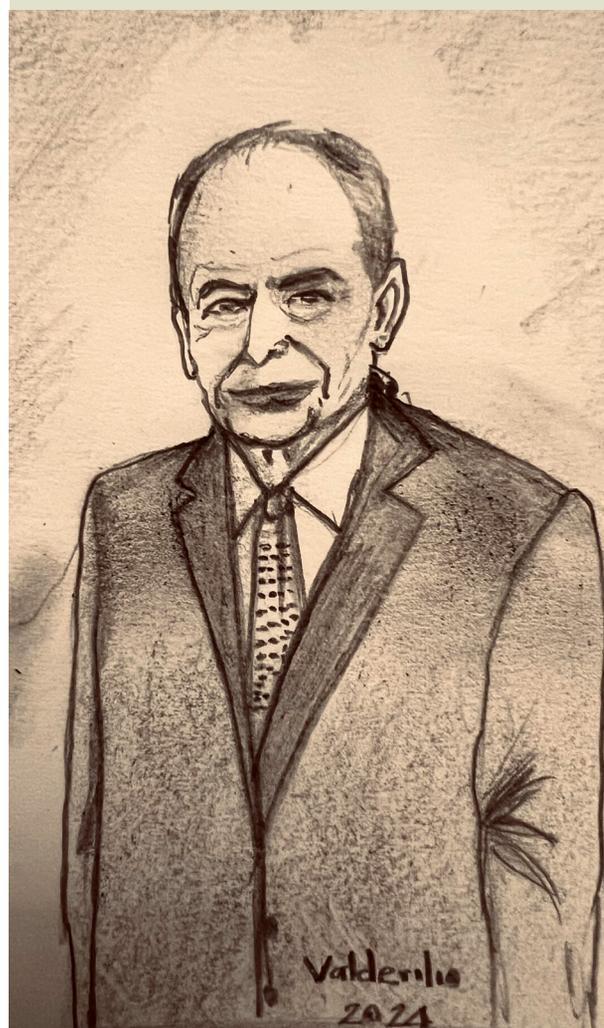
Tive a honra de estar ao lado dele por quase uma década como professor da disciplina de reumatologia na PUCPR. João foi um dos incansáveis professores da instituição, tendo ingressado na docência pouco tempo depois de formado e permanecendo nessa função por quase 40 anos. Como docente, sua explanação de temas médicos era comparável à dos grandes mestres; foi um excelente contador de histórias. Discorria com sua especial destreza linguística qualquer tema médico e cativava a atenção e curiosidade dos alunos. A valorização do emprego da tecnologia em consonância com a valorização da pessoa humana era quase sempre parte de suas narrativas. Lembro de uma ocasião em que não tínhamos um paciente portador de doença reumatológica para discussão durante visita à enfermaria clínica na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Naquele momento externei a ele minha preocupação, típica de um jovem docente, ao que pronto me respondeu: “– Não importa muito, discuta medicina, esqueça a especialidade (reumatologia)! Afinal, todo paciente tem uma história e exame físico a serem explorados e com os quais podemos transmitir conhecimento aos nossos alunos”. E, assim, seguíamos observando cada um de nossos pacientes como rica fonte de aprendizado humano e do ensino médico.

Não é sem razão que João Manuel recebeu as principais condecorações do Conselho Regional de Medicina do Paraná e do Conselho Federal em reconhecimento ao seu trabalho. Pelo CRM-PR, foi agraciado com a Medalha de Lucas - Tributo ao Mérito Médico. Também foi homenageado pelo Conselho Federal de Medicina em 2013, que lhe conferiu a Comenda Moacyr Scliar de Medicina, Literatura e Artes.

Outra de suas paixões além da literatura era a música; conversamos muito sobre o jazz e a boa música clássica e popular. Há alguns anos, a Sociedade Paranaense de Reumatologia instituiu o prêmio João Manuel de literatura. Anualmente, agradecemos com diversas recompensas colegas médicos brasileiros que, como ele, apaixonados pelas letras, perpetuam esse gosto pela arte de escrever contos, prosas e poesias.

Sempre terei boas lembranças de João Manuel, pois trazia consigo essa mistura prodigiosa de inteligência, bom humor, método e sabedoria humana. Há uma década nos deixou; entretanto, tenho a intuição de que será lembrado por muitas outras gerações da medicina brasileira. Obrigado, João Manuel, amigo, humanista, escritor! Obrigado, Doutor João Manuel, médico exemplar e inspirador! 📌

COMO DOCENTE, SUA
EXPLANAÇÃO DE TEMAS
MÉDICOS ERA COMPARÁVEL
À DOS GRANDES MESTRES;
FOI UM EXCELENTE
CONTADOR DE HISTÓRIAS.
DISCORRIA COM SUA ESPECIAL
DESTREZA LINGUÍSTICA
QUALQUER TEMA MÉDICO
E CATIVAVA A ATENÇÃO E
CURIOSIDADE DOS ALUNOS.



TRIAGEM LITERÁRIA



Desde a sua primeira edição, ainda como uma coluna científico-cultural do Jornal do CRM-PR, nos idos de 2002, a *Iátrico* teve como mola propulsora o pensamento crítico e o vasto conhecimento de seu editor-fundador.

O desafio lançado à presente Comissão Editorial foi o de promover uma curadoria do legado literário de João Manuel nesta revista, de forma a instigar o pensamento das novas gerações que desejam seguir a milenar profissão.

Dez anos após sua partida do plano físico, sua obra segue viva, impactando e transformando aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo pessoalmente ou por suas palavras e, ainda, os que ainda estão por conhecê-lo, oxalá a partir desta pequena coletânea que apresentamos a seguir.

Publicado no Iátrico nº 7, outubro/dezembro de 2003

“ORA DIREIS, **OUVIR ESTRELAS!**”

Se você não conhece, o “caso Dreyfus” dividiu a opinião pública francesa entre 1894 e 1906. Alfred Dreyfus, capitão do Estado Maior do Exército, foi acusado de ter entregue à Alemanha documentos referentes à defesa nacional. Acusado sem provas, foi condenado à prisão perpétua e à degradação militar, e deportado para a Guiana Francesa. Começou uma grande luta pela revisão de seu processo, formou-se uma comissão de pessoas representativas que reunia jornalistas, sociólogos, políticos, artistas e *tutti quanti*. Em face desse comitê heterogêneo e da dificuldade de nominá-lo, Clemenceau, jornalista e estadista francês, em 1898, chamou-os de “intelectuais”. Pessoas, embora díspares, que trabalham um pensamento organizado e buscam atingir objetivo(s). Por isso, diz Gerardo de Mello Mourão, que se recusa a ser intelectual, já por sua origem são homens que trabalham dentro do pensamento útil. São fazedores cognitivos. Nesse sentido, médicos são intelectuais. Exercem suas capacidades

cognitivas e suas habilidades com coisas úteis. Um “caso médico” deve ter sempre indícios e ter buscadas suas provas. Quando não existem, para errarmos menos e circunscrevermos um entendimento, utilizamos comitês de especialistas, em suas devidas sociedades, que ditam diretrizes que funcionam como referências. Ou quando há provas demais, ou técnicas, ou caminhos terapêuticos em demasia, seja no Japão, no Haiti ou aqui, recorremos aos mesmos comitês para referendar caminhos menos tortuosos, consensos que facilitem a prática médica. Essas diretrizes ou consensos não podem ser camisas de força para que prejudiquemos um diagnóstico ou terapêutica, o que equivaleria a um equívoco Dreyfus. Isto é, temos que sopesar sempre indícios e provas, porque o erro é sempre possível. Quem trabalha com coisas úteis está sempre servindo para algo ou a algo. E é aí que mora o perigo, já que podemos nos desviar do que possa ser socialmente útil ou certo, e cometer equívocos ou iniquidades, mesmo sem o saber.

E um “caso poético”, para que serve? Rigorosamente para nada. A poesia é inútil, dizia-o Benedetto Croce. Ou se preferirem um poeta nosso e atual, Manoel de Barros, é antes de tudo um inútil. Não serve a nada e a ninguém. Só a si mesma. E nisso reside sua grandeza. Não precisa ser lógica, nem necessariamente conceitual, está intimamente associada ao conhecimento intuitivo, “que busca a realidade e a metáfora das coisas, dos lugares e das pessoas”. Dá uma plenitude que mesmo um caso médico com toda a sua concretude e subjetividade é incapaz. E é esse o ponto: a poesia não é útil, mas é insubornável e plena, em sua falta de utilidade e limites. Quem faz poesia, pode fazer péssimos versos, mas não mente jamais, pois está usando seu “fundo insubornável”, a feliz expressão do filósofo Ortega Y Gasset para o que temos de mais íntegro, para o nosso cerne incorruptível. Então, para que a poesia nos serve? Para treinarmos o nosso melhor em moral e ética, e para depurarmos nossa sensibilidade. Para aperfeiçoar o caráter. Essa depuração permite não fazer juízo de valor antes do tempo, não fechar as portas a novas evidências, ou à sua ausência. Treinamos a sensibilidade à medida que se desdobra em múltiplos sentidos e surpreende, quando bem feita, sempre. Como nosso mister é harmonizar ciência e arte, o da poesia é o de modular um casamento perfeito, indissolúvel, entre música e significado. Ou se preferirem, harmonizar sintomas e/ou sinais com os exames complementares. Mas, como o diagnóstico não pode ser mera impressão, a poesia não pode ser mero sentimento, como o foi no seu início. Começou como canto do íntimo, só emoção lírica, e se transformou no canto da realidade. Como a realidade não lhe parecia estética, ornou-a com imagens. Só mais tarde sentiu que podia crescer mais e acrescentou-lhe o conceito. No dizer de Humberto de Campos, “conceito e imagem tornaram-se as duas asas do inseto de ouro de que foi crisálida o coração”. Bonito, não? Usando o mesmo autor: a imagem dá extensão



ao pensamento, o conceito dá-lhe profundidade. Em outras palavras, o conceito dá prestígio e a imagem dá graça. E isso também é civilização. Ah, quanta filosofia há em “vítima do acaso e da ilusão, beije tua mão”. E é de filosofia que precisamos mais. Para entender o outro, decodificá-lo em suas alterações funcionais ou estruturais, químicas ou lesionais, em sua subjetividade, do mesmo modo que explicitamos um poema. Lógico que a ciência é resolutive, mas sem a arte nos tornamos mais iatrogênicos. É também evidente que funcionamos por condicionamentos. Se forem bons e permanentemente avaliados, nada de errado. São clichês comportamentais que dão agilidade ao fazer. Da mesma forma que o clichê poético, de tão notável e simples, passa a fazer parte da cultura de um povo, e chega a ser despercebido em sua poesia. Leiam este florilégio: “quem passou pela vida em branca nuvem”; “sem lenço e sem documento”; “quem é bom já nasce feito”; “a mão que afaga é a mesma que apedreja”, quem diria que tudo isto é grande poesia tão entranhado que está na boca das pessoas? São frases que não se erodem com o tempo e enriquecem a cultura de um povo, ajudam a dar senso, luz e sombra, superfície e profundidade. Associar o útil ao inútil, dar cor ao nosso prosaico viver. O médico para ser inteiro há que ser técnico e subjetivo, concreto e sensível, e ter a percepção de que o “cerebral amor estéril das histéricas” também é muito bom, mas ainda não caiu na boca do povo. Ora, diria, é por isso que devemos respirar e viver poesia. ❶

ENTÃO, PARA QUE A POESIA NOS SERVE?
PARA TREINARMOS O NOSSO MELHOR EM
MORAL E ÉTICA, E PARA DEPURARMOS NOSSA
SENSIBILIDADE. PARA APERFEIÇOAR O CARÁTER.



Publicado no Íátrico nº 9, Março/abril de 2004

FALAR DEMAIS... **OU DE MENOS!**

O jornalista Cláudio Abramo dizia que “brasileiro não diz o que pensa e não pensa o que diz”. Referia-se à falta de coragem nas suas convicções e à falta de disciplina no rigor lógico. Às vezes, é também um bom mote para nós, médicos, ao lidarmos com situações ou pacientes difíceis. Não costumamos ter a frieza cáustica, a franqueza excessiva do americano: é câncer! O que seria melhor: nossa sinuosa forma de entreter uma situação por demais dolorosa ou o meio direto, sem rodeios, definidor? A palo seco ou de maneira untuosa? Calma lá, pessoal, ninguém precisa decidir imediatamente; essas coisas não são como no poema: ou isto ou aquilo. Que vivemos escolhendo o dia inteiro e que vamos ter que decidir, não tenhamos dúvida, mas cada circunstância ditará a

melhor saída. Por isso, falar demais ou de menos pode dar encrenca. Ou ser solução. Então, o que fazer? Citemos dois episódios à guisa de exemplo. Paciente do interior, 50 anos, simplório, é internado fazendo-se acompanhar do filho já adulto. Diagnóstico: câncer gástrico, inoperável. A primeira atitude foi fazer o filho saber. Este, candidamente, nos disse: — Doutor, pode contar pro pai, ele vai entender! Não dissemos, esperamos o outro dia com aquelas palavras martelando a circuitaria neuronal... Ele vai entender! Dia seguinte, o acórdão. Aquele rosto magro carregado de palidez cêrea nos diz conformado: — Se Deus quer assim, seja feita vossa vontade! E com que serenidade, e com que resignação, vá ter fé assim no caminho de Santiago... Que lição! Ou seja, jeito brasileiro ou americano tanto

QUEM SABE O QUE DIZ, ISTO É, SABE ESCOLHER PALAVRAS E ATOS, TEM MENOS CHANCE DE SER PROCESSADO OU DE VER UM COLEGA SER PROCESSADO DESNECESSARIAMENTE.

fazia, sinuoso ou direto não era a fórmula, o homem estava preparado e pronto! Bastava ao médico cumprir o dever.

Claro que é exceção; o comum é termos certo grau de dificuldade, como no caso a seguir. Mal chegada, sem cerimônia, a paciente inicia sua catilinária contra todos os médicos consultados e seus tratamentos, todos intoxicantes, naturalmente. Você quedo e pensante... Serei o próximo! Mais um paciente difícil, de cada seis encontros um o é. A maioria oculta em suas queixas físicas algum transtorno psiquiátrico. Você sabe que aí mora o perigo, qualquer palavra pode ser a gota d'água para um paciente que não sabe o que diz. Pensa no adágio popular de que "quem fala o que quer, ouve o que não quer". Mas a conversa não é à mesa de um bar, é no consultório. Não sabendo o que fazer, interroga a prudência que, soberana, aconselha: "O silêncio é de ouro". Manda a paciente continuar sua história, enquanto procura um atalho. Afinal, já sabemos que ouvir é a melhor maneira de saber o que, como e quando falar. No caso, emendar é infrutífero, quem tem transtorno de personalidade é impermeável ao bom-senso ou à argumentação lógica. O raciocínio normalmente engendrado pelo médico é mais suscetível à persuasão psicológica, mas há que saber fazê-la. Esse é o ponto. Quando não tivermos o treinamento ou a experiência para lidar com tais situações, devemos recorrer ao autocontrole, que é uma via de duas mãos, boa para nós e para o paciente. É um modo de não nos tornarmos vítimas, nem vitimarmos. Isso nada tem de autocensura ou hiper-repressão, mecanismo de defesa inadequado pela impossibilidade de canalizar a energia reprimida, resultando em conflito e mal-estar. Ao contrário, é satisfatório por sentirmos que temos as rédeas na mão e por favorecer a natureza do convívio, evitando o mal a si e ao próximo. É aí que entra o abade francês Josep Antoine Toussaint Dinouart, que no século 18 publicou o notável, tanto no pequeno tamanho quan-

to no grande espírito, A arte de calar. Entre os bons conselhos: não falar, a não ser que valha mais do que o silêncio; só se pode falar depois que se aprende a calar; considerando nossa prática no geral, há menos risco em calar do que em falar; o homem nunca é tão dono de si quanto no silêncio; quando tiver algo importante para dizer, diga-o primeiro a si e só depois ao outro; nunca há excesso a temer quando se guarda um segredo; não falar é uma arte ao alcance de todos, já a virtude de falar com habilidade e aplicação poucos têm; o silêncio nunca exporá sua ignorância; quem fala pouco não deve ser um grande gênio, mas certamente não é um transtornado; falar pouco e fazer muito é próprio de quem tem bom-senso; se tiver necessidade de falar muito certa coisa, desconfie, muita paixão pode significar pouca razão. Até aqui todos os conselhos foram escritos livremente, o último faço questão que seja *ipsis litteris* em face da profundidade e gravidade: "O silêncio é necessário em muitas ocasiões, mas é preciso ser sempre sincero; podem-se reter alguns pensamentos, mas não se deve camuflar nenhum. Há maneiras de calar sem fechar o coração; de ser discreto sem ser sombrio e taciturno; de ocultar algumas verdades sem as cobrir de mentiras". Como vedes, saber calar é fundamental em nossa profissão. Quem sabe o que diz, isto é, sabe escolher palavras e atos, tem menos chance de ser processado ou de ver um colega ser processado desnecessariamente. Mas calar quando o caso é grave e/ou precisarmos da adesão do paciente para condutas terapêuticas, pode ser igualmente pernicioso. A falta de esclarecimento, principalmente em doenças graves, cria fantasias de benignidade que se podem voltar contra o profissional. Impossível poupar o paciente de sua própria realidade. Encontrar a linguagem e a oportunidade mais adequadas deve ser o meio, para um fim sempre singular, único. Sempre o que não podemos ser é boquirrotos, sob pena de ter sido vã a arte do abade Dinouart. ❶

Publicado no látrico nº 11, setembro/outubro de 2004

DEU NO **TIMES**

O que é que, nós, médicos, devemos praticar? Por acaciano que seja, a medicina científica. A que tem embasamento em provas e que obtém melhores resultados se associada à experiência. Esse binômio completa a competência. Que não basta, precisa ter uma face humana, ser centrada no paciente. Isso não significa aliar a prática médica a um subjetivismo mágico ou místico, o que a tornaria obscura, em troca da lógica, do método e da técnica. Pois, como escreveu George Lundberg, ex-editor da Jama, “não há alternativa à medicina”. O que quer dizer isto? Significa colocar como base se os atos médicos ou as drogas produzem de fato os efeitos desejados. Ou seja, não cabem ideologias, principalmente se não estiverem ao alcance de qualquer mortal dotado de inteligência normal, ou meros “modernismos”, como sucedâneos do estabelecido, só a eficácia. É isso que o paciente quer, embora pelo querer seja tantas vezes iludido. Mas sabemos, o engano tem caminho curto. Que o paciente possa ser enganado, em face de sua credulidade e riqueza de desejos, faz parte, como diria o filósofo da hora. Que a mídia se equivoque, devido a sua superficialidade, ligeireza e falta de boa consultoria, também faz parte. Não à toa, o Times de Londres, em 1834, destacava: “É duvidoso que o estetoscópio seja universalmente aceito; sua aplicação consome tempo demasiado e causa aborrecimento e dificuldades aos médicos e aos pacientes; seu aspecto e seu caráter são estranhos a todos os nossos hábitos. Há mesmo algo ridículo na figura de um médico auscultando seu paciente através de um longo tubo, aplicado a seu tórax”. Que dizer do coitado Laennec, seu inventor, que usava, a princípio, cilindros de papel e, mais tarde, cilindros ocos de madeira... O que não faz parte, e esse exemplo é categórico, é estarmos fechados ao novo, à evolução. Naturalmente com senso crítico e equilíbrio, sabendo separar o joio do trigo, definindo o que é eficaz do

que é simples fetiche mercadológico. Não devemos temer a sociedade tecnológica. Nós mesmos fomos agraciados pela evolução com uma tecnologia única entre as espécies, refinadíssima, possuímos a capacidade de aprender e memorizar. Nossos aprendizados e memórias, em si, são como as tecnologias, neutros. Nem bons, nem maus. Tudo dependendo de como os usemos. Como exemplo, se estivermos cercados de fumantes e aprendermos a fumar podemos extrair prazer do tabaco. Que também, a longo prazo, pode ser nossa perdição por meio de inúmeras doenças. Decidimos. Já que aprender deveria ser inevitável, podemos aprender a nos intoxicar e ter algum prazer, ou resistir à pressão e exercermos nossa liberdade de escolha. Evitar o que pode nos destruir é uma expressão de inteligência. E se cedermos, quase sempre podemos começar de novo e sanarmos nossa torta vida. Tecnologia sempre houve, pelo menos desde que se atritaram duas pedras. Uma faca pode ter dois gumes, simbologia suficiente para alimentar ou matar. Mas o fundamento é, o que seria de uma cozinha sem uma boa faca amolada? Vedes? O que importa, verdadeiramente, é o que fazemos com as coisas. Desse modo, só devemos temer que as coisas passem a gerir as pessoas, em vez de ser o contrário. E para gerir coisas precisamos, antes de mais nada, nos saber gerir. **❶**

NOSSOS APRENDIZADOS
E MEMÓRIAS, EM SI, SÃO
COMO AS TECNOLOGIAS,
NEUTROS. NEM BONS, NEM
MAUS. TUDO DEPENDENDO
DE COMO OS USEMOS.

Publicado no *látrico* nº 13, janeiro/março de 2005

CONCISO, COM SISO

Prezados colegas que ora iniciais vossa atividade. Estou ciente de não ser prudente dar conselhos a quem no-los pede. E de que neste início estais mais a fim de dinheiro do que de conselhos. Pois, urge a sobrevivência autônoma. Mas ousou me contrariar, e contrariá-los, tendo em vista que sempre fui a favor de referenciais e não de conselhos. Referenciais são o destilado secular – poderia ser milenar, claro – da sabedoria filosófica, religiosa, poética, científica, e que tais. São um farol. Luz que alerta, não indica. Já os conselhos só nos fazem corresponsáveis pelas tolices dos aconselhados. Então, ficamos assim, recebamos o conselho como se fosse um referencial, e o usem ao seu modo, mas para sua segurança e proveito. Trata-se do prontuário. Depois do paciente, deve ser nosso maior empenho. É onde imprimimos os dados clínicos e operacionais, e exercitamos a lógica científica. É onde treinamos nossa objetividade e blindamos nossa segurança. E depositamos um possível norte para o paciente e a pesquisa. Por isso, tem que ser claro, conciso, prudente e veraz. Mas também dá dividendos linguísticos. Se a medicina nos ensina a compreender corpo e comportamento humano, o prontuário nos permite exercer nossa capacidade de síntese, de verter no papel a essência do caso, função mental superior. Como não se nasce feito para qualquer função, quando muito temos propensão, é necessário treinar: observação, habilidades, conhecimento, atitudes. E treinar a escrita. Como escrever conciso e com siso? Sabendo pensar com lógica impiedosa e prudência consumada. Para isso, além dos conhecimentos científicos e técnicos, temos que ler e refletir muito. Ler o que? Primeiro, os que vestiram a rigor nossa língua. Só depois devemos ler e pensar os luminares de outras línguas e culturas. Há sentido em conhecer melhor a casa do meu colega antes

de ir a fundo no entendimento da minha própria? Não haveria lógica. Destarte, Camões, Fernando Pessoa, Drummond, Machado de Assis, Eça de Queirós, deverão ser os alvos. Nossos jogos oficiais, os de campeonato. Nossos produtos de marca, os originais. Depois, para continuarmos treinando, ou seja, nos intervalos das pugnas – vige, não se usa mais! –, os dois toques com Rubem Braga, L. F. Veríssimo, Millôr e similares de boa origem. Servem também, nesses treinamentos, genéricos testados no gosto popular e no apuro linguístico. Disso, o que resulta? Digamos, um básico, um prêt-à-porter benfeito, bem acabado e que cai bem. Pouco? Não, muuuito! Basta conferir os prontuários que andam por aí, verdadeiras armas engatilhadas contra seus autores – que podem ser feridos irreversivelmente a qualquer momento. Por isso, meu pedido, meio-conselho, meio-referencial, talvez implique num certo esforço inicial; ao depois resultará no oportuno apotegma de Jules Renard: “As palavras não devem ser senão a roupa, sob medida rigorosa, do pensamento”. Uma roupa básica, adequada no seu acabamento, jeitosa na sua presença, peça decente e imune às ofensas. Vejam, não estou sugerindo a alta costura, o traje a rigor exclusivo e raro que só a alguns foi concedido pelo gênio da origem. Se essa fosse minha intenção, não deixaria barato, evocaria logo como paradigma aquele a quem dedicamos esta edição. Aquele que talvez tenha produzido o mais belo texto já escrito e, para nossa alegria, no idioma de Camões. Refiro-me ao Fernando Pessoa de Tabacaria, traje a rigor da língua: “Não sou nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.” À parte isso, sejamos simples, claros, concisos, prudentes e verazes no prontuário. Ser denso já seria uma demasia, reservada aos gênios da língua. **❶**

Publicado no látrico nº 14, abril/outubro de 2005

O QUE DEVERIA SER

Aula é esclarecimento. É seu núcleo indissociável. Claro que depende de informações – dados –, mas que devem ser elementos para saber a que nos ater e ao que esclarecer. As informações, que devem ser fidedignas e extraídas de um corpo de provas, isoladas, têm pouco valor para o saber. Precisam ser conectadas, articuladas, para que componham um contorno de saber. O que faz isso é o esclarecimento. É a ponte que nos leva das informações ao conhecimento. Atualmente, as aulas tendem a reduzir o saber a dados. Estes fatos puros, em si, não constituem ciência. Múltiplos, indiscriminados, só desorientam. Ou burlam a verdade transitória da ciência. Precisa entrar neles a voz da razão lógica analítica para associá-los, depurá-los, torná-los coerentes, totalizantes, para que formem um corpo de saber inteligível a quem os percebe, a plateia. Dados isolados são memórias, é isso que as projeções numa sala de aula, por quaisquer meios, nos trazem. São material de erudição, sendo sua principal propriedade a extensão; sua lógica, o acúmulo. E sabemos que isso, com a democratização das informações, qualquer base de dados nos fornece. Por isso, porque oferecê-los a uma distinta audiência se estão facilmente acessíveis e ordenados? O papel do professor não é a erudição – memória – ; é a cultura, cuja fonte é a reflexão. É esta que gera a compreensão, sua grande propriedade. Não só no sentido lógico – lógica é a ética de quem pensa –, mas também no sentido da validade e limites do conhecimento. Portanto, sua intencionalidade deve ser sempre interpretativa. Assim sendo, o verdadeiro professor interpreta a si e o conteúdo. Faz dos elementos brutos, palavra e dados, um conjunto inteligível que toca sua audiência, a modifica. Professor é aquele que sintetiza a experiência acumulada de dados; pois os assimila, integra, totaliza, num conjunto sistêmico

que é a interpretação ou a teoria. E estas, por mais complexas que sejam, devem ser vertidas da maneira mais simples possível, utilizando-se dos meios didáticos mais apropriados, que podem ir da analogia à metáfora. Portanto, do conhecido ao desconhecido. Estamos a ver que interpretar ou teorizar nada tem de ruim. Só como exemplo, teoria é o clarão da ciência. Tem a importância do estilo para a arte. Fazer uma apresentação teorizante é engendrar mecanismos que levem em conta dados, esclarecimento e, seu principal fator agregado, a reflexão. Então, pergunto-lhe caro leitor, tem assistido muitas aulas com essas características? Como audiente, tem sido esclarecido? Têm tornado claro, iluminado, seu compreender? Ou têm-lhe ministrado dados em profusão impossíveis de serem retidos por limitações próprias da mente humana? Então, também cabe a pergunta: como se aprende medicina? As aulas têm importância? Aprende-se medicina com leitura, muita leitura; e prática, é claro! Mas para compreender o que advém da leitura e da prática é fundamental o esclarecimento. É aí que entra o professor. Boa parte das novas tentativas pedagógicas em medicina são decorrentes desse desvirtuamento do sentido que deve ter uma aula. Passou-se do esclarecimento à simples difusão de informações. É preciso retomar a função original. A outra é meritória, fazer do aluno um agente mais ativo. Mas ainda fica faltando a mais importante: ensinar o aluno a pensar. Deveria ser a via final comum. Aprender e ter gosto pela própria produção intelectual. Claro que é o mais difícil. Depende de cabeça propensa do aluno, e que o mesmo agregue disciplina, esforço e curiosidade; e de agudeza de espírito do professor, no sentido de aplicar rigor e método na separação de provas e crenças. Destas, bastam as inevitáveis. E o resto? Depende da imprevisibilidade do gênio humano. **■**

Publicado no Íátrico nº 15, novembro/dezembro/2005

TOSTÃO

Sobre si, escreveu em seu livro: “... eu não fugia à verdade número um do ser humano: a vaidade”. Como não apreciar alguém que, com total isenção, consegue dizer isso de si mesmo? Tá bem, um outro poderia dizer que se tratou de mero efeito oportunista, algo para tornar-se credível. No entanto, meu senso clínico não me permite ficar com evidência única. O aprecio por muitos outros motivos. Jogador de futebol, ganhou títulos, prêmios e, o mais importante, uma Copa do Mundo, a de 70, ápice de qualquer futebolista. Foi craque. Não à toa. Apesar do imenso talento natural que possuía, fazia o dever de casa. Treinava fundamentos, refletia sobre seu jogo e o dos outros. Só por isso conseguiu perfeita harmonia com Pelé na seleção. E na hora da verdade, em face de grave lesão ocular que o limitava para o futebol, não teve dúvidas; simplesmente pendurou as chuteiras. Largou fama e glórias, e começou tudo de novo. Formou-se em medicina. Curso brilhante, com a mesma dedicação dada ao futebol. Tornou-se professor. Também nessa atividade procurou exceder-se. Dedicação, disciplina, seriedade, no aperfeiçoamento de suas possibilidades. Tímido e fóbico, jogou-se às feras, para se superar. Submeteu-se à psicoterapia – psicanálise – para se depurar. Para perceber seus pontos fracos. Não para deletá-los, por impossível, mas para que não atrapalhassem sua ação sobre outros, numa profissão tão nobre. A crise da universidade brasileira com seus baixos salários, falta de condições e reclamações constantes de seus aprendizes, fê-lo lentamente transferir-se para outro cenário; um retorno, embora diferente, ao futebol. Tornou-se o comentarista louvado, único. Sim, solitário na grandeza de suas análises, aliando as nuances técnicas à carga subjetiva que carregam os atores da bola, e como isso interfere no comportamento das torcidas. Isso, às vezes, o torna poético. Embora seja mais comumente um intermediário da poesia, ao citar os poetas de sua estima. Intermediário sem lucro, pois abomina a

mais-valia. Melhor seria dizer que se torna um agente indutor de percepções. Fez algumas reformulações em sua vida, de tempos em tempos, que não vêm à baila, mas salientam a vontade de viver muitas vidas numa só. Como se possível fosse. Atualmente, é um grande conversador. Conversa consigo e, ocasionalmente, com outros. Como todo grande conversador, dialoga principalmente consigo próprio. E extrai dessa introspecção conhecimento, experiência e intuição, que derrama nos artigos enxutos e densos – não é uma contradição – que oferece à sua legião de leitores. Mas o Tostão de hoje quer mais. Não quer roubar seu próprio tempo. À maneira de Voltaire, que tinha seu dia de felicidade – o dia da semana em que ia para seu laboratório sem nada predeterminado e lidava ludicamente com qualquer coisa; criava sem intenção, o que pintasse na oferta de seu próprio dia; um dia seu, não dos outros –, tem a quarta-feira como o dia do caminho e do inesperado. Seja flinando pelo Savassi, em Belô, seja falando com o escritor Roberto Drummond, seja escutando pacientemente o que o simples torcedor tem a dizer – numa dessas, escutou de um amante do futebol: ótimo jogador é o que faz muito bem todas as coisas esperadas. Já o craque é o que faz isso e ainda vê o que os outros não veem –, Tostão passou a curtir sua própria disponibilidade. Algo difícil para quem se pretende útil, para quem não quer passar pela vida em brancas nuvens. Tostão continua médico. Nunca deixou de sê-lo, porque mantém o olhar do clínico. Proust dizia que não necessitamos de novas paisagens, mas de novos olhos. Esse o olhar do clínico, esse o olhar de Tostão, apesar e talvez devido à grave lesão ocular. Certamente não só pela mesma, mas pelo conjunto de experiências sofridas e absorvidas, e restauradas mercê seu isento profissionalismo e rara sensibilidade. Um médico que professa seres, coisas, lugares. Que honra a classe com a dignidade de sua personalidade e de sua pena. **❶**

Publicado no látrico nº 18,
julho/outubro de 2006

Instantes

Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.
Seria mais tolo ainda do que tenho sido, na
verdade bem poucas coisas levaria a sério.
Seria menos ingênuo.

Correria mais riscos, viajaria mais,
contemplaria mais entardeceres,
subiria mais montanhas, nadaria mais rios.
Iria a mais lugares onde nunca fui,
tomaria mais sorvete e menos lentilha,
teria mais problemas reais e menos problemas
imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e
produtivamente cada minuto da sua vida;
claro que tive momentos de alegria.

Mas, se pudesse voltar a viver,
trataria somente de ter bons momentos.
Porque, se não sabem, disso é feita a vida,
só de momentos; não percas o agora.

Eu era um desses que nunca ia a parte alguma
sem um termômetro, uma bolsa de água quente,
um guarda-chuva e um paraquedas;
se voltasse a viver, começaria a andar descalço
no começo da primavera e continuaria assim até
o fim do outono.

Daria mais voltas na minha rua,
contemplaria mais amanheceres
E brincaria com mais crianças,
se tivesse outra vez uma vida pela frente.
Mas, já viram, tenho 85 anos e sei que estou
morrendo.

ESQUECER, PARA PENSAR!

O poema Instantes é prescrito a pacientes com frequência. Por que os médicos o fazem? Porque é comum pacientes se apresentarem no consultório estressados por levarem uma vida com vazios existenciais. E o poema tenta trazer o valetudinário para um ritmo mais lento e é um alerta a uma vida inaproveitada. Será? A grande ironia é que não se aplica à maioria das pessoas, que são devagar, quase parando. Quem não tem parada, o acha lindo. Quem passa a vida em brancas nuvens o utiliza para justificar sua vagagem. Uns e outros o acham uma beleza, por que é de autoajuda, e o fato de estar associado a um gênio da literatura, o argentino Jorge Luis Borges, falecido na Suíça em 1986, e considerado um dos maiores escritores do século passado, lhe dá uma aura de preciosidade. Nem é um grande poema, nem é de Borges, nem se aplica à maioria das gentes. Como não é de Borges, se você já o viu por aí impresso nas paredes da vida com seu nome? É desses mistérios como os que cada vez mais se vê na internet. Textos apócrifos. Alguém escreve e nomina outra autoria. Geralmente de alguém famoso de quem gosta, e que gostaria de ser e, portanto, espalha seu próprio texto com uma falsa autoria. A ser lido por uma multidão. Todos os grandes autores sofrem, ou sofreram, com isso. E Borges não poderia ser exceção. Para isso existem os autenticadores. No caso, a própria María Kodama, inicialmente secretária, depois esposa do autor, que diz muito a nós, médicos, já que entre outros escreveu, esse sim, um conto genial chamado Funes, o memorioso. Nesse conto descrevia a história de um rapaz uruguaio que, depois de um acidente, ficou com uma memória prodigiosa. Tão perfeita que podia lembrar qualquer detalhe de um dia inteiro. Isto é, conseguia reconstituir na sua inteireza o dia todo. Resultado: não lhe restava tempo suficiente para pensar. Para pensar é necessário poder esquecer, só assim se generaliza. Ou seja, Funes é uma personagem literária que não poderia existir na vida real. É uma personagem magnífica, mas falsa. O que é coisa de gênio. Ah, de quem é o poema? De uma escritora americana de autoajuda, de quem não lembro o nome. Mas não tem importância. Também necessito esquecer, para pensar! **i**



Publicado no Íátrico nº 19, janeiro/março de 2007

FALSO DILEMA

Nos anos sessenta do século passado, lendo um artigo do professor de Neurologia Roberto Mellaragno, deparei-me com a seguinte frase de Bernard Shaw: “O especialista sabe cada vez mais sobre cada vez menos, até saber tudo sobre nada”. Generalista por propensão, a frase foi um achado. Ainda mais que, logo depois, tive um professor que a repetia à exaustão. Como ainda não tinha convicção de mim, qualquer ideia que reforçasse tal frase era sempre bem-vinda. Não parecia haver harmonia possível. Lembremo-nos que eram anos de ruptura, com frases mais ou menos originais, onde tudo cabia. De tal sorte que o pobre do especialista bom profissional não podia ser. Como se não tivesse imaginação, era a ordem do dia. Quem pensava em pouco, não podia ter imaginação. Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes e as ideias. E volta-se ao passado. Imaginem uma bolha de sabão. O filme visível que dá limites à bolha seria o nosso saber; seu vácuo, nossa ignorância. Claro está que nossa falta de saber, o nada da bolha, seria muito maior. E o é. Agora expandamos a

bolha. À medida que aumenta seu filme líquido, nosso saber, o vácuo, aumenta muito mais. Ou seja, quanto mais sabemos, mais ignorantes nos tornamos. Uma prova prática? Imagine, então, que você tenha aprendido a fazer uma equação do 1º grau. A partir daí, só daí, você estará apto a desenvolver equações mais complexas, por exemplo, de 2º ou 3º graus. Quer dizer, quanto mais sabemos mais descortinamos nosso horizonte, mais aumentamos nossas possibilidades, e mais ignorantes nos tornamos. O que nada tem de diabólico; é apenas evolução cognitiva, meu irmão. É a famosa bolha socrática que, no final, gera o tal “sei somente que nada sei”. Noutros termos, emburrecemos por conta própria à proporção em que evoluímos. O que, acredite, é muito salutar. Medo, devemos ter de quem só tem uma ideia na cabeça; esse é cheio de certezas, portanto, muito perigoso. Uma ideia na cabeça e a humanidade está salva. Mas se já era assim no tempo de Sócrates, que dirá hoje. Enfim, ter a cabeça bem feita dá uma danada humildade intelectual; esse o fato. Pois há alguém por aí afirmando

que o conhecimento dobra a cada nove meses. E a tecnologia vertiginosa não o parece desmentir; muito ao contrário. Ai que saudades do Pico Della Mirandola, supostamente o último a saber de tudo. Mas isso foi antes de Cabral descobrir o Brasil, então não vale. Como lidar com isso? Só com a especialização. Entrem num shopping, numa universidade ou num hospital. É só gente fazendo “a sua coisa”, uma variante comportada dos jovens dos anos setenta, do “to do in your own thing”, ou cada um na sua. Mas sabendo tudo daquilo, ou faz de conta. É, parece mesmo não ter jeito. Especialização ou morte. Será? E na medicina, como fica? Parece ser igual, mas nem tanto. Na verdade, na medicina já somos todos especialistas. Micro ou macro. Um clínico, internista, é um baita de um especialista, e esse é o que leva mais anos na sua formação. A mesma coisa com um cirurgião geral, ou do trauma, e por aí vai. Só que é uma especialização horizontal, a mais necessária porque dá base científica e operacional na trincheira do cotidiano. A especialização verticalizada é igualmente útil, mas num sentido diferente, pois lida com casos de alta complexidade, mais raros, contemplados na medicina terciária ou quaternária. Claro que isso poucos devem explorar. Mas é também a que faz mais investigação clínica e experimental. Portanto, a que mais contribui para o progresso da medicina. Ambas são necessárias. Isso não é fragmentação; se bem disciplinado, é aprofundamento científico. E há subtons nessa especialização toda. Imaginem uma doença como a AIDS. Tem tal complexidade que necessita que um especialista se subespecialize. E necessita também de trabalho multidisciplinar. O corolário é que essa questão que se levanta com frequência, generalista versus especialista, é um dilema falso. Precisamos de generalistas e especialistas de todos os matizes, equipes multidisciplinares e, às vezes, de um “subsuperhiper”, essa figura estranha que, surpreendentemente, só faz o que todos deveriam fazer: a imperativa síntese. O mundo, hoje, é de quem sabe interpretar complexidades. E isso nos leva à formação do médico. E à conversa fiada de que as universidades só devem formar generalistas. Isso é coisa pra boi dormir. Se o fazem, é simplesmente porque é mais barato do que formar médicos com boa base ou especialistas. Só por isso. Deviam é estar criando conhecimento e pessoas capazes de

interpretar complexidades, no sentido de uma formação científica correta, básica sim, mas universal, de modo que o estudante pudesse fazer a melhor opção, a escolha dentro de suas tendências individuais. E ser autônomo. Isto é, em vez de aapequenarmos a formação, deveríamos tê-la à altura do país que queremos, grande. Porque, especialistas ou não, como escreveu Karl Popper, grande filósofo da ciência, “não somos estudiosos de uma matéria específica, mas estudiosos de problemas. E qualquer problema vai sempre além dos limites de qualquer matéria ou disciplina”. Ou seja, para conhecermos bem uma árvore, temos que ter uma boa noção do bosque, sob pena de nos tornarmos predatórios. Isso significa qualidade de conhecimento, do qual não podemos abrir mão sob pena de não haver “istas” nenhuns. Da mesma maneira que especialistas sem sólidos fundamentos científicos gerais bem resolvidos em suas mentes se tornam míopes e agraciados com a frase do Shaw. Isto é, um ignorante que não acompanhou a expansão da bolha socrática. Naturalmente, só tem a perder; e consigo seus assistidos. Vivemos num mundo de mudanças rápidas e necessidades múltiplas e voláteis. Numa palavra, complexo. Fazer face a isso no futuro só com habilidades pessoais que permitam a pessoa se reciclar celeremente para, se necessário, mudar de lugar e de atividade, para poder ir onde há empregabilidade. A palavra do futuro é adaptabilidade. E sem uma boa formação horizontal, nada feito. Agora, certamente, você quer saber onde errei quando li a frase do Shaw via um epígono? Por melhores que fossem suas intenções. É que no original é assim: “O especialista sabe cada vez mais sobre cada vez menos, até saber tudo sobre nada. O generalista sabe cada vez menos sobre mais, até saber nada sobre tudo”. Bom, não? Ah! O velho e bom Shaw, grande personalidade, esse sabia ser generalista e especialista ao mesmo tempo. Sabia que o mundo é complexo, e o simplificava. **❶**

A PALAVRA DO FUTURO É
ADAPTABILIDADE. E SEM
UMA BOA FORMAÇÃO
HORIZONTAL, NADA FEITO

Publicado no Íátrico nº 19, janeiro/março de 2007

MORAL E ÉTICA

O filósofo Bertrand Russell dizia que nenhuma opinião deveria ser defendida com fervor. Pois o fervor é utilizado quando a opinião é duvidosa ou demonstravelmente falha. De acordo. Mas, às vezes, a veemência é benfazeja. Principalmente com interlocutores barulhentos, ruidosos, quando a voz da razão terá que vir acondicionada com um tom imperativo. O mesmo Russell tinha sérias dúvidas sobre a possibilidade de se mudar o homem. Mas dizia que era preciso tentar. Também somos parceiros. Isso nos leva aos valores e à lei moral interna, o imperativo categórico de Kant com sua regra de ouro: “Não faça aos outros aquilo que não deseja para ti”. Sou moralista, mas não kantiano. Me explico. Moral é o discurso normativo e imperativo que resulta da oposição entre bem e mal, considerados como valores absolutos. É o conjunto dos nossos deveres. De uma maneira prática, responde à questão: “Que devo fazer?” Se levada à última instância, culminaria na santidade. Já a ética não é imperativa. Utiliza as circunstâncias e suas variáveis. Bebe na moral, mas usa o bem e o mal como valores relativos, procura flexibilizar a moral para melhorar o funcionamento social, a convivência humana. Leva em consideração usos, costumes, desejos, mas tem como base a moral. A moral é a linha férrea, a ética seus desvios, suas variantes. Pretende responder à pergunta: “Como fazer?” A moral é coletiva, a ética é particular, isto é, inerente a um indivíduo ou a um grupo. Se preocupa com a arte de viver, ao como viver, e em sua culminância levaria à sabedoria. Por que não sou kantiano? Porque entendo que às vezes o bem é superior à verdade, que em outras o bem é a mentira. Na medicina vivenciamos muito isso. Claro está que

isso não é subverter a moral, é criar condições sensatas de convivência, é a regência da ética. Por isso, esta se divide em “ética de convicção”, pautada nos valores, princípios; e “ética de responsabilidade”, que pensa nos resultados e objetivos, que usa os meios para obter os bons fins. Como vemos, a ética só existe na ação, isto é, no plano social. Se você é ético, e é o que desejamos, e vive num meio não ético, o preço a pagar será enorme, às vezes brutal. Por isso, os deveres (moral) têm que estar sendo sempre lembrados, por mais moralistas que pareçamos. E a ética sempre treinada, já que é ação, para que possa ser introjetada e se incorpore, faça parte de sua natureza. Muito bem, agora você quer saber se seu amigo, parceiro, ou o que seja, é ético, certo? Lá vai. Verifique se muda sempre o seu discurso, isto é, se não há uma constância básica, um fio condutor, sem que isso signifique compromisso com o erro; se não diz uma coisa e faz outra; se confunde privilégios públicos ou institucionais com sua vida privada; e se não é omissivo, ou seja, se aparece em crises. Claro que, humanos que somos, portanto, imperfeitos, às vezes pisamos no tomate, e há um poema lindíssimo que explicita essa dificuldade: “Não conseguimos firmar o nobre pacto/ Entre o cosmo sangrento e a alma pura/ Gladiador defunto, porém intacto/ (Tanta violência, porém tanta ternura)”. O que nos resta? Viver, portanto, treinar. Já que é comum que se tenha uma moral pública e outra privada, tanto que o nobre Shakespeare dizia que seríamos muito melhores se fôssemos o que parecemos ser, treinemos para ser o que parecemos. Temos aqui um poema-treino, um poema de Fernando Pessoa. Treine sua pessoa. ❶

...O NOBRE SHAKESPEARE DIZIA QUE SERÍAMOS
MUITO MELHORES SE FÔSSEMOS O QUE PARECEMOS
SER, TREINEMOS PARA SER O QUE PARECEMOS.



Publicado no Íátrico nº 20, abril/julho de 2007

CARTAS A UM JOVEM MÉDICO

O dr. Adib Jatene é um liso. Digo-o no bom sentido. Em Cartas a um jovem médico, consegue deslizar sobre delicados assuntos da profissão sem se picar, como convém a um bom cirurgião. E isso, que poderia ser comprometedor, não o é. Ao contrário, o faz com propriedade, usando os seus mais de 50 anos de atividade, pontuando sua formação profissional e o exercício da mesma com a evolução da medicina, e oferecendo aqui e ali preciosas achegas aos médicos que ora iniciam esta escolha pela vida. E não pensem que fuja aos assuntos mais delicados. Desde o que deva ser uma boa indicação cirúrgica à famigerada CPMF, que tanto lutou para ver aprovada pelo

Congresso e que, depois, tanto o decepcionou – o que era transitório virou definitivo, e o que era para a saúde serviu para tudo e apenas um pouco para a saúde —, está tudo lá, com lógica irretorquível. E melhor, com simplicidade. Na introdução, adverte que o médico já não é o profissional de grande destaque na sociedade, com perspectiva de independência financeira a curto prazo. Porque a chamada livre escolha foi implodida com novas formas de intermediação, onde a ética sofreu derrota para uma equação puramente econômico-financeira. E a intermediação institucional, gerencial, estatal ou privada, entre médicos e pacientes, é que dá as cartas. E prejudica o vínculo,

a confiança e a responsabilidade, entre quem presta e quem recebe o atendimento. O jovem médico transforma-se, pois, no assalariado mal remunerado e, por isso, com múltiplos empregos. Cansado e sem tempo, não se atualiza e se desespera com sua qualidade de vida. Não raro, desiludido, escapa por caminhos tortuosos. Então, enfraquece-se a grande peculiaridade da profissão que se estriba no idealismo de não trair a confiança, de buscar o melhor para seu paciente, se necessário com sacrifício pessoal de legítimos direitos seus. Sabemos que quando a ética sofre, reduz-se a solidariedade também o jovem médico para outro fenômeno: na medicina não ocorreu o chamado desemprego estrutural. Ao contrário, o avanço científico e técnico colaborou para a criação de novas oportunidades de emprego, tornando nossa atividade multiprofissional e multidisciplinar nas últimas décadas. E aí o risco: o de poder se transformar o médico em um técnico. Seria oportuno lembrar que o médico cuida de doentes, e o técnico, de doenças. Esta dissociação da doença e do doente é o grande prejuízo que o avanço científico e tecnológico acabou causando. Este tem uma ética mais mercadológica e acumulativa, ao invés da ética médica que visa sempre beneficiar o paciente. Em função disso, chega à conclusão: quando o patrimônio acumulado e a posição social conquistada são mais importantes que o reconhecimento dos pacientes e colegas de profissão, é sinal de que algo está errado. Não deixa de vociferar contra a abertura de novas escolas médicas baseadas no oportunismo político e no lucro, sem que possuam ambulatórios, hospital ou serviço de emergência com um volume suficiente de casos capazes de permitir a exposição do aluno às várias situações indispensáveis para adquirir a qualificação tanto para operar como para atender e diagnosticar de maneira correta, sendo o ensino predominantemente teórico. E sinaliza: a medicina não é uma ciência teórica, é prática. Para uma boa formação é necessária vasta experiência, tanto ambulatorial como de emergência e hospitalar. Aponta a humildade intelectual como um traço indispensável no caráter do médico. E afirma que a

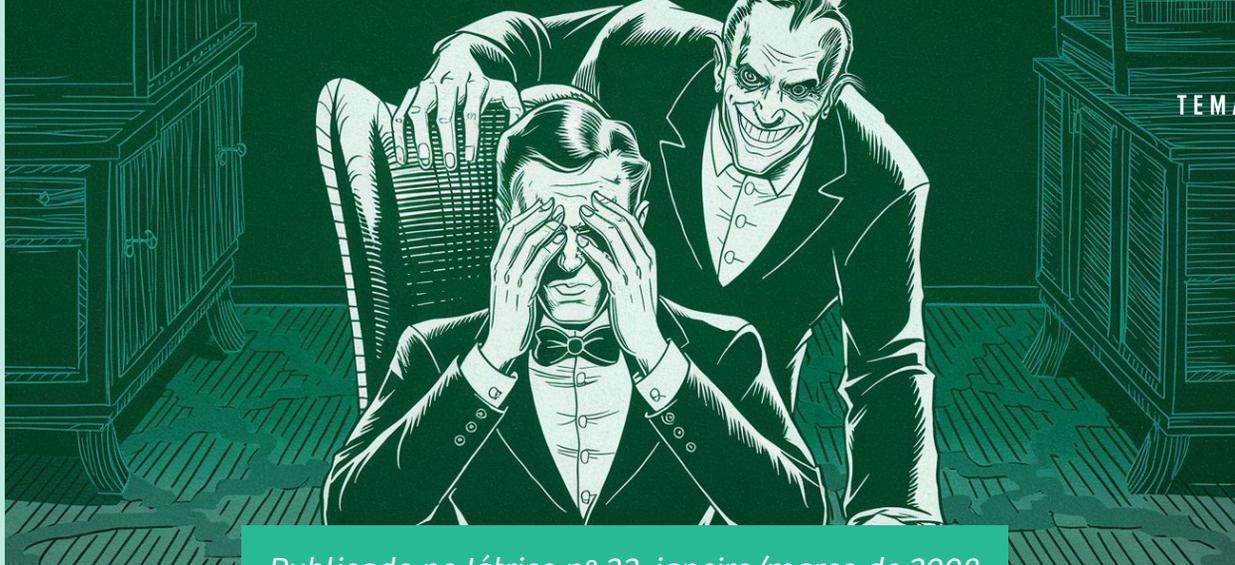
maneira como um médico chega em uma localidade ou em um serviço é que vai determinar seu grau de aceitação. Às vezes, o jovem médico pode estar mais atualizado, mas os mais antigos têm a seu favor mais experiência e a confiança dos pacientes, o que conta bastante. É necessário ter a clareza de que a inclusão, o respeito e, principalmente, o prestígio por parte dos colegas e da comunidade são conquistas que só chegam por meio do tempo. E mais do que competência, é necessária muita sensibilidade. E conta um caso seu quando trabalhou em Uberaba. Logo que chegou à cidade, atendeu uma paciente com linfonodomegalia cervical. A primeira providência foi a exérese de um dos gânglios, sendo o material remetido a São Paulo. Resultado: Hodgkin. À época, o tratamento era com injeções de mostarda nitrogenada. E assim foi iniciado. Dias depois, a paciente voltou dizendo que tinha consultado o doutor Fulano de Tal, e que ele dissera que Jatene estava errado. Este respondeu que iria falar com o médico. Pediu a um colega mais antigo na cidade que promovesse a aproximação. Frente ao tal doutor, disse que sabia o que havia dito a seu respeito e, calmamente, mostrou o resultado do exame laboratorial, justificando sua conduta. Resumo da ópera: tal médico acabou sendo um dos seus melhores amigos no local. Se tivesse dito que o colega estava desatualizado, a paciente certamente iria voltar àquele médico e Jatene ganharia um inimigo. E ninguém lucraria com isso, nem o doutor mais antigo, nem Jatene, muito menos a paciente. Em tempo: quando um médico fala mal do outro, perdem os dois, perde a medicina. Em A formação do médico, discorre sobre o efeito Flexner no início do século XX nos Estados Unidos, quando o mesmo, que nem médico era, propôs o fechamento de grande número de escolas médicas e defendeu um currículo prevalente até hoje. E pontua o que de essencial deveria haver na formação profissional e como o médico deveria ser remunerado. E não tem receio de afirmar: se o médico trabalhar pouco e ganhar bem, não é bom para ele. É bom para o paciente que vai precisar dele, porque poderá contar com um profissional atualizado e com tempo para se

É NECESSÁRIO TER A CLAREZA DE QUE A INCLUSÃO, O RESPEITO E, PRINCIPALMENTE, O PRESTÍGIO POR PARTE DOS COLEGAS E DA COMUNIDADE SÃO CONQUISTAS QUE SÓ CHEGAM POR MEIO DO TEMPO.

SÃO CARTAS INDISPENSÁVEIS PARA QUEM SE AVENTURA NA PROFISSÃO QUE É UMA ESCOLHA PELA VIDA.

dedicar ao seu caso com afinco. Ao contrário do cenário atual, em que o médico está sempre cansado e frequentemente desatualizado. Para se ter uma ideia da proletarização profissional, basta lembrar que, na época do Inamps (até 1990), o médico recebia da previdência, por consulta, o equivalente a seis unidades, e cada unidade representava 1% do salário mínimo da época. Com o salário mínimo vigente, seis unidades significariam mais de R\$ 40. Mas ocorre que, quando ministro, para o SUS, a consulta médica simples era igual a R\$ 3,50. O que significa o processo falimentar porque passam médicos e hospitais que trabalham para o sistema. O que significa dizer, por exemplo, que todas as Santas Casas brasileiras estão endividadas. Com certa nostalgia, Jatene reflete também sobre lembranças do seu passado, em que o médico tinha influência e fazia parte do topo da pirâmide social sem que necessariamente exercesse dominação. Mas com o desenvolvimento tecnológico e a criação de grandes empresas, o poder econômico da sociedade se deslocou para outras categorias profissionais, executivos, diretores de bancos, empresários, restando ao médico uma posição intermediária. E estamos falando de pessoa insuspeita, que criou aparelhos, tendo patenteado algumas invenções. E que não é contra a iniciativa privada, muito pelo contrário. Mas que reflete responsabilmente sobre o andamento do atendimento médico. E se queixa, e muito, e com razões que vai desfilando. Hoje os privilegiados são os 20% da população que dispõem de planos de saúde. Mesmo com as mazelas encontradas com frequência nesses planos. Atualmente o paciente escolhe o médico da lista, um especialista, e se tiver sorte resolve o problema. Ocorre que com frequência faz o “shopping doctor”, não por ser somatizador crônico – o que seria comum –, e sim porque os médicos não resolvem seu problema. O normal seria ser atendido por um internista, que, se necessário, o enviaria ao especialista adequado. Mais adiante fala das minorias e das mulheres – que não mais o são; as turmas para quem ministro aulas na graduação já estão divididas ou com superioridade feminina – em sua luta, eternamente

divididas entre a carreira e a família. E há necessidade disso ser equacionado, pois trazem para o trabalho características femininas importantes como a delicadeza, detalhismo, responsabilidade e sentimentalismo. Dá exemplos críticos de como é a medicina em outros países, mostrando vantagens e desvantagens. Também discorre sobre a falsa dicotomia de medicina preventiva e curativa, sobre serviço social obrigatório, sobre a revalidação de diplomas, sobre o maniqueísmo público-privado, a telemedicina, sobre a falta de recursos – hoje convivemos com metade do orçamento determinado pela Constituição, deixando claro que embora possa ser melhorada a gestão dos recursos, o problema real é a falta dos mesmos. E não deixa de discorrer sobre uma medicina mais humanista. E prescreve o que seja um médico adequado: primeiro, precisa ser competente para realizar um diagnóstico preciso; segundo, dedicado, para que possa fazer por aquele doente o melhor que sua competência permite; terceiro, precisa ser ético, porque não pode sugerir ao paciente algo que vai bonificar a ele, médico, e sim ao doente; e quarto, não pode oferecer alguma coisa mais complexa, com resultado discutível, quando existe algum procedimento menos complexo com resultado comprovado. E dá exemplos em sua própria área de atuação. E escandaliza-se quando hoje uma estrutura hospitalar faz propaganda realçando seus aparelhos e não seu corpo clínico. É... há algo de podre no reino da medicina brasileira, e o dr. Jatene deixa claro que não pretende ser cúmplice; fez e faz sua parte para ajudar na racionalização do sistema, e aponta erros sem meias palavras. E apesar da indignação por assistir a desmandos, incoerências, desperdício e falta de sensibilidade com a saúde da população, ainda consegue um fato extraordinário: em nenhum momento do livro é pessimista. Sempre aponta saídas, embora as saiba lentas. Este é o resumo de Cartas a um jovem médico. Longo resumo, mas oportuno. Ao final e ao cabo, dá vontade de ter um médico desses para si próprio, dileto leitor. São cartas indispensáveis para quem se aventura na profissão que é uma escolha pela vida. 📌



Publicado no Íátrico nº 22, janeiro/março de 2008

○ MÉDICO E ○ MONSTRO

O médico vive em toda sua visceralidade a dicotomia do bem e do mal. Consultórios, ambulatórios e hospitais são pródigos em exemplos diários. Conflitos entre casais, pais e filhos, entre irmãos, ou pacientes que por terem um seguro-saúde se comportam com a arrogância dos déspotas não esclarecidos, esquecidos de que a boa educação é dever de todos. Ou pacientes serenos que têm familiares pra lá de desastrados, exigindo para si o indevido e aprontando gritarias e xingamentos sem sentido. Ou pacientes polares, tipo bem-me-quer e malmequer, que ora te amam, ora te odeiam. Ou pacientes que têm a convicção de que você, colega, praticou um milagre. Aliás, tudo o que não se entende pode virar mágica, daí ao milagre é um passo. Ou aquele paciente ou familiar – sempre começa com uma única pessoa – que tem certeza que você foi iatrogênico, culpado de todas as complicações. A maioria fica apenas com raiva, alguns te processam. Claro que, entre os últimos, alguns te veem somente como uma herança a resolver os problemas futuros de toda a família. E há, sem dúvida, alguns colegas que também praticam o inominável. Enfim, há de tudo, balançando entre o bem e o mal, ou fundido, ou seja, indistinguível. Certa vez, durante uma visita noturna a paciente internado, ouvi uma gritaria num corredor e me aproximei. Um velho professor de meu apreço, flor de pessoa como se costumava dizer, encurralado por uma família que, em altos brados, só não o xingava de santo (e olhem que ele cortejava a santidade!). Aquela imagem de pessoa idosa, queda, acuada, qualquer que fosse o motivo ou não motivo, submetida à humilhação dos maiores

impropérios é coisa que vira e mexe me aparece como se fosse um estresse pós-traumático. Fiquei condoído por dias. E, não menos importante, alguns ricos que pensam poder o dinheiro comprar tudo: diagnóstico, tratamento e, principalmente, o médico. Por que tudo isso ocorre? Infelizmente, faz parte da natureza dupla do homem. A introdução do processo civilizatório é sempre parcial e ativa por toda a vida. O cerne irracional, egoísta e irreduzível que nos habita, quer sempre colocar as mangueiras para fora. Por isso, a luta contra o mal é uma pugna sem tréguas. O diálogo entre o doutor Jekyll, o bom, e o senhor Hyde, o assassino, pode tornar-se impossível em face da eventual autonomia do mau. Uma luta titânica que pode levar à destruição mútua como na obra do escritor escocês. Não à toa, O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde, de Robert Louis Stevenson, publicado em 1886, mais conhecido entre nós como O médico e o monstro, tornou-se um “case” psiquiátrico para estudo de dupla personalidade. Mas o bem e o mal coexistindo de forma branda é coisa nossa do cotidiano, com a qual precisamos aprender a lidar. Os jovens médicos que agora se iniciam na prática autônoma fariam muito bem se lessem essa obra. É uma bela reflexão sobre a mistura de sentimentos que acomete os pobres mortais. E não precisa estar fazendo terapia para se beneficiar dessa leitura. E mais, é um livro fino, que você lê de uma sentada, e fica sabendo quem morreu a bengaladas, de quem era a bengala, a perplexidade da investigação e o desfecho, se é que existe. Afinal, embora sejamos Jekyll, todos temos uma pitada de Hyde. Você não tem? liih, começo a desconfiar... **!**

Publicado no látrico nº 23, novembro de 2008

PARA SER MÉDICO

Para ser médico há que ter receptáculo. Enorme, desses refratários a qualquer distensibilidade. Afinal, enche-o com queixas. Muitas, de todos os matizes. Legítimas ou não, justas no sofrimento dos corpos ou ignoradas na sombra das mentes. Queixas elaboradas, redondas, incisivas e diretas, que mostram bandeiras vermelhas desfraldadas acusando doenças agudas para as quais os médicos são treinados e entendem com facilidade. Queixas obscuras, prolixas, crônicas, sem corporificação, que denunciam a pobreza de sentimentos, a morada de conflitos ou a estreiteza científica. Que indiciam meandros genéticos e/ou comportamentos repetitivos, labirintos ainda incognoscíveis. Para ser médico precisa-se de tolerância. Com os muitos chatos de corpo mole que só querem atestados e uma folgazinha para o nada. Folgados de todos os tipos, forjando encostos repetitivos e se insurgindo contra análises justas ou critérios impessoais. Tolerância com os alexitímicos e firmeza com os que têm ganhos secundários, para que descubram seus autoembustes. Tolerante com sua própria intolerância que pode demonstrar arrogância ou onipotência, podres fazeres de plenos poderes. Para ser médico é preciso ter calma. Não a calma amor talhada do silêncio dos inocentes, mas a quietude de quem raciocina e concentra o siso. Mesmo quando a entrevista suscita o riso. Para ser médico é preciso ser inteiro, mesmo quando fragmentado por dentro, quando a dor de seus amores ilude a isenção e a firmeza diante do risco cirúrgico. Para ser médico é preciso ser bom sujeito. Sem encolher o peito para inovar, tendo jeito para fazer o certo apesar dos reclamos dos pacientes, dos convênios ou do governo de plantão. Todos transitórios como a movediça ciência. Bom sujeito na arte múltipla e não evanescente.

Para ser médico precisa-se gostar de gente, mesmo que indigente. Gostar de diagnóstico, mesmo que por vaidade, é útil assim mesmo. Ter gosto de

reparar, curar, modificar o ser como um deus terreno, sereno nos propósitos, certo nos acodes. Para ser médico é necessário partir para o reajo, logo existo, das emergências; refletindo sobre o médico, logo clínico, da resolubilidade consciente e eficaz; que desfaz filas serpiginosas. E é preciso ser curioso, ter uma enorme curiosidade sobre a diversidade humana. Para ser médico é necessário antes de tudo ter uma visão de mudança social. Para um mundo aberto à ciência, à decência profissional, ao olhar humano que respeita e se limita, e crê, no benefício resultante para a humanidade. Menos parálitica, menos inconsciente, menos necrótica, menos invasiva. Para ser médico imaginação é preciso. E paixão pela liberdade de se vincular e se tornar responsável. Paixão pelo esclarecimento da ação. Sem o que a arte e ciência se tornam vaidades. Para ser médico é preciso um contrato com o impossível, e apenas tolerar o possível. Pois só assim se chega ao inesperado da descoberta, de si e dos outros. ⓘ





Publicado no Íátrico nº 23, novembro de 2008

TÉCNICO, MAS HUMANO? (DR HOUSE)

Sabemos que exercemos a cidadania, o equilíbrio de direitos e deveres, na vida da cidade. Quando votamos, quando praticamos um preito coletivo, estamos lá como cidadãos. A personalidade é diferente. Somos pessoas únicas, como tal não temos o pertencimento espanhol do cidadão, só nos pertencemos. Único e insubstituível, o sujeito se pertence em sua personalidade. E é sobre essa pessoa que o médico age, sobre esse ser inviolável. Então, cabe a pergunta a propósito de House: o profissional que só pensa nos meios para atingir um fim, no caso o diagnóstico, será útil? Será que não se torna mais iatrogênico? É sobre isto que devemos ponderar. Claro que o médico que utiliza todos os meios para atingir um único objetivo, o diagnóstico, tem que pesar riscos e benefícios. Utiliza métodos, meios, e isso deve ser ajustado para alcançar os bons fins. Mas, note, mesmo que não se importe com a pessoa, e sim com sua competência, curiosidade e vaidade, se fizer benfeito, e desde que utilize os métodos adequados, chegará a um bom fim, e, portanto, por via oblíqua estará dando o melhor à pessoa. Afinal, quando um electricista vai à sua casa, o que interessa a si, prezado leitor, é sua capacidade para resolver o problema, e não sua simpatia. Claro que se simpático for, será muito melhor. No caso médico, seria a empatia. Então, está respondida a questão. O médico puramente técnico pode, sim, ser humano. Agora, se você me perguntar se o mesmo profissional for atender uma somatização, para a qual não há técnica disponível para cura, respondo que não. Não terá a necessária arte. Aí, House sucumbiria. Aliás, nem teria saco! **!**

Publicado no *látrico* nº 24, junho de 2009

MÉDICOS RAROS: COMO SÃO?

Forçados no esforço e na curiosidade, não há dúvida. De que devam ter algum talento, todos concordam. Mas há sempre, individualmente, muitos pontos obscuros na trajetória dos médicos que sobressaem, que se tornam raros mercê algum tipo de unanimidade. Por isso, recorremos ao livro *Prazer em conhecer*, com o subtítulo *A aventura da ciência e da educação*, editora Papyrus/7 Mares, em que o jornalista Gilberto Dimenstein faz a mediação de uma longa conversa com duas dessas figurinhas carimbadas, ditas unanimidades nacionais, Drauzio Varella e Miguel Nicolelis. Ambos paulistanos, formados em Medicina pela USP, com passagens pelo exterior. O primeiro, cancerologista; o segundo, poder-se-ia dizer, neuroengenheiro, já que procura integrar o cérebro humano às máquinas. O primeiro, além de pesquisa e prática médica, com longo currículo em educação; o segundo, na boca para ser Nobel, segundo a revista *Scientific American*, também tem propósitos bem definidos em educação. Um quer mudar o mundo pela educação, o outro quer mudá-lo por tecnologias que reabilitem e integrem o humano. A primeira conclusão é que, para serem o que são, tiveram sempre que ser alunos. Ter um enorme prazer em aprender, desde os quintais ou chácaras da família, onde começaram superficialmente a sistematização de insetos e batráquios e a dissecá-los para descobrir o que existia por dentro. Essa curiosidade – o curioso é o grande amante do conhecimento – chegava ao requinte, no caso de Drauzio, de aprender com um primo a abrir um sapo sem que o mesmo tivesse dor. “Não tem dor, dizia o primo. Aprendi a enfiar um estilete no sapo de um jeito que corta todos os nervos dele”. Claro que essa curiosidade estava sempre associada à necessidade de compreensão racional, de querer explicações de um jeito lógico, convincente.

Foi fácil a vida de ambos até a universidade? Qual nada, algumas passagens dão o tom. Drauzio perdeu a mãe aos quatro e a avó, sua segunda mãe, aos oito anos. Teve, portanto, que ter resiliência para suportar as duas perdas mais importantes de sua vida ainda precocemente. E teve um pai durão, severo, trabalhador incansável, que dizia: “Meus filhos chegarão à universidade. Minha obrigação é trabalhar e a sua é estudar. Se você não cumprir sua obrigação, vai apanhar até aprender”. Para si, diz ter sido método infalível e não traumatizante. Internou-se dois anos estudando no cursinho porque sabia que os japoneses de lá também eram os melhores, e que a única maneira de passar seria estudando mais do que eles. No segundo ano de tentativa, passou em segundo lugar na USP. O modo como o pai lhe disse que passara no vestibular foi sem qualquer afeto. Era homem alexitímico. Deu-lhe a notícia ao natural, sem abraços, palavras de ordem, risos, a frio. Quer dizer, quando se vive algo assim, as homenagens futuras não deixam de ser um pouco constrangedoras. E então você pensaria: o Drauzio sempre foi um *cê-dê-efe*, pois são três anos a média para passar bem colocado na USP dos tais japoneses que já sabem tudo, certo? Aparências e realidade não andam sempre juntas. Era um cara folgado até então. Mas como já disse, foram dois anos de não pensar em nada mais, só em passar, obsessivamente. A obsessividade necessária em certos momentos da vida quando se quer alcançar um degrau a mais na vida ou no intelecto. Depois disso, foram 20 anos como professor de cursinho e a paixão pelo ensino, agregados à pesquisa e à prática médica. Miguel estudou no ótimo Colégio Bandeirantes, com simulados todos os domingos, cedo. Nele, aprendeu uma ética de trabalho cuja ideia central era: “a responsabilidade é sua; cada um é responsável pelos seus erros, não há

nenhuma desculpa cabível”. E ainda teve a seu favor laboratórios fenomenais, onde podia dar asas à sua imaginação. E teve na regra de cálculo o que Rivellino teve com a bola, uma extensão de si próprio. Isso ajudou-lhe a dar rigor. Ciência é rigor para perseguir sonhos e quebrar dogmas.

Ciência é fundamentação e objeção lógica. Isto é, se você tem objeção séria a fazer, o cara pode ser um Nobel ou de Stanford, não importa, confronte-o. Se você acredita que a sua ideia tem mérito, persiga-a. Não tenha medo de fracassar. A experiência está diretamente ligada ao fracasso; infelizmente não somos treinados para a rejeição e o fracasso. O experimentalista fracassa em mais de 90% das vezes, ou seja, nessa proporção verifica que suas ideias não funcionam. Assim mesmo, tem a resiliência de lidar com a derrota. Esse o ânimo do pesquisador. Afinal, passa a vida medindo e conferindo dados da melhor maneira possível. Então, ficamos com aquela antiga fórmula: 95% de insistência e 5% de talento, pois, se o indivíduo desistir não há talento que o ajude. Para Nicoletis, a biblioteca e o laboratório do Bandeirantes foram seu reino. Hoje, talvez fosse o Google. Mas sem dúvida o colégio foi mais importante que a USP. Opinião compartilhada por Drauzio. Ao contrário dos cursinhos, nas universidades só um ou outro professor se destaca. De cada 200, talvez uns cinco. Dario Birolini, no caso de Varela, e Cesar Timolaria, no de Nicoletis, foram suas referências. Tipo, quero ser um médico assim. Ou seja, poucos professores sensibilizam seus alunos, pois a maioria está cuidando apenas de seus interesses, nem aí para os alunos. Nos cursinhos, não; ou os alunos passam, ou os professores são dispensados. Há uma luta pela qualificação do aluno. Outro ponto em comum: o ateísmo. Ambos são ateus intraútero, segundo dizem. Ou de outra maneira, ateus por configuração cerebral. Drauzio descobriu a ciência como professor de química nos cursinhos 9 de Julho e Objetivo. E Nicoletis? A história é interessante. Adolescente, descobriu o que iria fazer lendo Hospital, de Arthur Hailey. Logo no início do livro, o patologista, personagem principal, tem que tomar uma grande decisão: se seria ou não necessário amputar a perna de uma moça. Era a primeira vez na carreira que não sabia o que fazer... Existia um aviso no hospital: “Neste ambiente é proibido fumar”. Ele tira um havana, o põe na boca, acende e vai mais uma vez tentar fazer o diagnóstico patológico. Aquilo, diz, me pareceu maravilhoso: “Existe uma regra, sou

contra e vamos em frente”. Era este tipo de desafio que gostaria de enfrentar. Quem evita desafios não pode ser bom pesquisador ou bom profissional. Dito à maneira bíblica: foi sua estrada de Damasco. Mas os sacrifícios seguintes foram grandes. Basta contar o de sua ida para Filadélfia, trabalhar com o professor John Chapin. Depois de Miguel escrever-lhe uma carta de dez páginas, induzido por um anúncio para entrevista, Chapin foi franco: “Sabe, Miguel, o negócio é o seguinte: esse não era um anúncio para ser verdade. Nós o publicamos porque há um coreano aqui no laboratório que gostaríamos que obtivesse o green card. Então anunciamos uma posição fantasmagórica para que ninguém conseguisse preencher os requisitos. Assim ele poderia se apresentar e, posteriormente, solicitar o green card. Você foi o único candidato, mas, como preencheu os requisitos, por lei tenho que entrevistá-lo”. Miguel relata que ficou o dia inteiro sendo entrevistado. “Eu era meio ruim em inglês. Ao final do dia, Chapin disse: Olhe, não sei se entendi o que você falou, mas o que entendi é exatamente o que queremos fazer. Você tem que vir trabalhar conosco. Mas, e o coreano?”, perguntei. Ele sorriu: “Não tem problema, fazemos outro anúncio”. Consequência: cinco anos mergulhado num laboratório de neurociência, só existia aquilo em sua vida. Como vedes, prezado leitor, qualquer coisa que pretendamos fazer, por melhor cabeça tenhamos, exige esforço e dedicação plenos para talvez atingirmos parte do desejado. Médicos raros são os que se dispõem a tal tarefa. Usando as informações – dados – desprovidas de qualquer julgamento moral, de qualquer viés religioso, racial ou ideológico. Só assim o conhecimento é libertador, agente de formação e transformação. Mas ainda há algo em comum a Drauzio e Miguel. Ambos estão convictos de que gostam de ensinar e pensam o ensino como uma atitude amorosa. Nesse prazer não pode haver fingimento, pois o aluno percebe. Por isso, poucos professores marcam um aluno numa universidade. A autoridade nunca pode ser imposta, advém da arte por ele exercida de catalizar a aventura do conhecimento, de transmitir ao aluno o caminho da liberdade, o aprendizado. E mostrar que ele mesmo jamais se afasta desse caminho. Porque ciência é assim, uma corrida. Você passa o bastão, vem uma pessoa de outra geração, corre a corrida e o passa para o seguinte, e assim por diante. Uma corrida sem fim. Portanto, os médicos raros também não têm fim. Sejam pesquisadores ou clínicos, cirurgiões ou afins. São discípulos da sinergia. **❶**

Publicado no látrico nº 29, dezembro de 2011

A ARTE DE ESCREVER

(SEGUNDO SCHOPENHAUER)

“Schopenhauer, psicólogo da vontade, é o pai de toda psicologia moderna; dele se vai, pelo radicalismo psicológico de Nietzsche, em linha reta até Freud.”

THOMAS MANN



Os três estilos segundo Schopenhauer: 1. Um em sentenças curtas, ambíguas e paradoxais, que parecem significar muito mais do que dizem; 2. Outro que recorre a uma torrente de palavras, com a mais insuportável prolixidade; 3. E, por fim, o estilo científico e profundo, no qual o leitor é martirizado pelo efeito narcótico de períodos longos e enviesados.

- ... deve-se evitar toda prolixidade e todo entrelaçamento de observações que não valem o esforço da leitura. É preciso ser econômico com o tempo, a dedicação e a paciência do leitor, de modo a receber dele o crédito de considerar o que foi escrito digno de uma leitura atenta e capaz de recompensar o esforço empregado nela.

- ... quanto às traduções dos escritores da antiguidade, elas são um sucedâneo de suas obras assim como o café de chicória é um sucedâneo do verdadeiro café.

- Assim como as atividades de ler e aprender, quando em excesso, são prejudiciais ao pensamento próprio, as de escrever e ensinar em demasia também desacostumam os homens da clareza e profundidade do saber e da compreensão, uma vez que não lhes sobra tempo para obtê-los.

- A peruca é o símbolo mais apropriado para o erudito puro. Trata-se de homens que adornam a cabeça com uma rica massa de cabelo alheio porque carecem de cabelos próprios.

- Um erudito é análogo ao operário que, ao longo de sua vida, não faz nada além de mover determinada alavanca, ou gancho, ou manivela, em determinado instrumento ou máquina, de modo a conquistar um inacreditável virtuosismo nessa atividade. Também é possível comparar o especialista com um homem que mora em sua casa própria, mas nunca sai dela. Na casa, ele conhece tudo com exatidão, cada degrau, cada canto e cada viga, como, por exemplo, o Quasimodo de Victor Hugo conhece a Catedral de Notre-Dame, mas fora desse lugar tudo lhe é estranho e desconhecido.

- O sinal característico dos espíritos de primeiro nível é a espontaneidade de seus juízos.

- Como diz Sêneca: qualquer um prefere crer do que julgar por si mesmo.

- Pode-se dizer que há três tipos de autores: 1. Os

que escrevem sem pensar. Escrevem a partir da memória, de reminiscências, ou diretamente a partir de livros alheios. Essa classe é a mais numerosa. 2. Os que pensam enquanto escrevem. Eles pensam justamente para escrever. São bastante numerosos. 3. E há os que pensaram antes de se pôr a escrever. Escrevem apenas porque pensaram. São raros.

- Em geral vale a regra: o novo raramente é bom, porque o que é bom só é novo pouco tempo. • Citando Friedrich W. Riemer, filósofo alemão que foi secretário de Goethe e preceptor de seu filho: um adversário que mostra sua cara abertamente é uma pessoa honrada, moderada, com a qual é possível se entender, chegar a um acordo, a uma reconciliação; em compensação, um adversário escondido é um patife covarde e infame, que não tem a coragem de assumir seus julgamentos. Portanto, alguém que não defende sua opinião, mas se interessa apenas pelo prazer secreto que sente em descarregar sua ira sem ser reconhecido nem sofrer retaliações.

- Como diz Voltaire: o adjetivo é o inimigo do substantivo.

- Ou como diz Goethe: viver segundo seus caprichos é vulgar; o nobre se esforça pela ordem e pela lei.

- A ignorância degrada os homens somente quando se encontra associada à riqueza.

- Quando lemos, somos dispensados em grande parte do trabalho de pensar. Só pensando nos apropriamos do que foi lido, assim como as refeições não nos alimentam quando comemos, e sim quando digerimos.

- Ligue-se na arte de não ler. Livros ruins são veneno intelectual, capaz de fazer definhar o espírito. Não leia o que é ruim, pois a vida é curta, o tempo e a energia são limitados. Então: Leiam com afinco os antigos, os verdadeiros e autênticos antigos. O que os modernos dizem sobre eles não significa muito. A leitura dos clássicos antigos é o maior conforto do espírito.

- Seria bom comprar livros se fosse possível comprar, junto com eles, o tempo para lê-los, mas é comum confundir a compra dos livros com a assimilação do seu conteúdo.

- A repetição é a mãe do estudo.

N.A. Excertos de A arte de escrever, Schopenhauer, Editora LPM. ❶

Publicado no látrico nº 31, janeiro de 2013

EM BUSCA DE **SENTIDO**

Certa vez, um aluno me perguntou: professor, qual sua missão? Incontinenti respondi: conhecer e levar aos outros um pouco desse parco conhecimento. O que poderia ter sido uma iluminação momentânea não o foi; na verdade, foi fruto de um longo período de clareamento da consciência e teve um provocador, os escritos de um dos maiores homens do século passado: Viktor Emil Frankl. Em setembro de 1997 estava a caminho da Europa, em férias, quando no avião peguei a revista *The Economist*. O obituário, o melhor que já li pela elegância e profundidade, me entristeceu. Morrera Viktor Frankl aos 92 anos. Nunca esquecera passagens inteiras de *Man's search for meaning* – escrito em nove dias, depois de sair de um campo de concentração ao final da 2ª Guerra Mundial. Nunca esquecera os rigores, maus tratos e a destruição que passara para sobreviver aos campos de concentração. Sim, no plural. Nunca esquecera que no primeiro, depois de dar falta de alguns companheiros, perguntou a um colega onde estavam. Esse, apontando a fumaça que saía da chaminé, disse: estão subindo! Nunca esquecera que fora grande nas três dimensões em que se pode ajuizar o homem: inteligência, coragem e amor ao próximo. Nunca esquecera sua luta pela busca de sentido numa vivência de absurda futilidade, de nonsense paroxístico e recorrente. Que não era um homem comum, sabe-se. Afinal, com apenas 16 anos (nascera em 1905), na Viena dos grandes psicanalistas, escreveu um ensaio e o enviou a Freud. Este lhe escreveu que ficara impressionado e que o recomendara para publicação numa revista de psicanálise, o que aconteceu três anos depois. Pois, o jovem que impressionara Freud e que se tornou neurologista e psiquiatra, não foi pelo estudo da ciência que encontrou o sentido, a missão do ser humano sobre a terra. Foi observando os colegas de cativeiro em face das intempéries,

iniquidades e brutalidades, que notou quem mais tinha capacidade de sobreviver, de vencer a depressão, de evitar o suicídio. Como se dizia, “ir para o fio”, morrer na cerca eletrificada. E ficou-lhe claro que o autodomínio e a sanidade estavam ao lado de quem tinha forte senso do dever, uma missão. Podia ser a fé, a vocação ou a esperança de reencontrar as pessoas amadas. Mas, qualquer que fosse o motivo, o mesmo estava sempre impregnado de amor. Escreveu: “A verdade é que o amor é o derradeiro e mais alto objetivo a que o homem pode aspirar. Então captei o sentido do maior segredo que a poesia humana e o pensamento humano têm a transmitir: a salvação do homem é por meio do amor e no amor”. Não pense o leitor que seja mera passagem melíflua. O amor a que se refere Frankl não é apenas a inclinação pelo outro, ou o ponto mais alto da fé, é também autonomia, liberdade e valor de consciência. É a libertação do espírito, e não sua submissão ao materialismo, ao consumo desenfreado, à escravidão grifada. Tal submissão tolhe o rumo, não deixa antever um destino, e enche os consultórios dos psicoterapeutas. Tal submissão não aclara a história exclusiva de cada um de nós, indivíduos únicos e irrepetíveis. Não permite que ajamos de acordo com quem somos. Não permite descobrirmos qual nossa missão, descobrirmos quem somos. Descoberta que é lenta, pois mister se faz ouvirmos nossos profundos desejos, intuições, nossa paz solitária e nossa alegria social, ou seja, realizar o melhor de nós mesmos. O contrário disso sendo a alma desatendida e a somatização consequente. Qual a pergunta fundamental em que se apoiava Frankl para ir ao encontro do sentido da vida? Ei-la: “Que é que eu devo fazer e que não pode ser feito por ninguém, absolutamente ninguém, exceto eu mesmo?” Embora de valor universal, essa resposta é sempre individual, só eu posso encontrá-la. O que serve para um, não

tem serventia a outro. Talvez o traço de união seja o trabalho; o trabalho com amor e sentido. O que faz de um tempo de alto desemprego mundial uma carência individual de grande peso. E Frankl certamente ficaria desapontado quando os políticos, bebendo em suas águas límpidas, cinicamente deformam o slogan “pegue sua bicicleta e procure”, como se tudo se restringisse à falta de vontade individual. Condições devem ser dadas para que um trabalho devotado seja um dos sentidos da vida. Frankl foi um iluminador de porões existenciais e, portanto, das doenças do espírito, que chamava de “noogênicas”. Noogênico

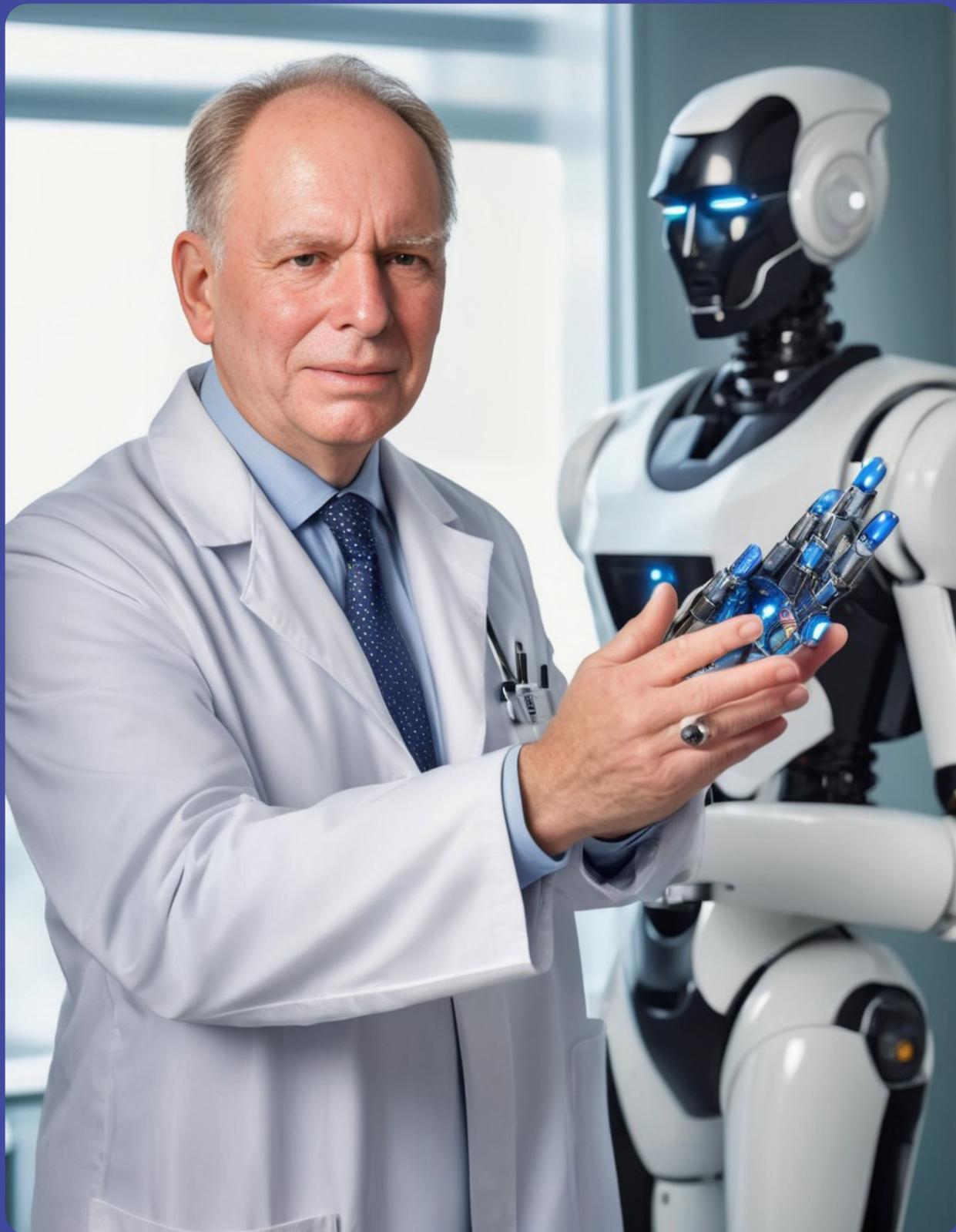
quer dizer “proveniente do espírito”. Com isso, deu luz à logoterapia – a terceira escola vienense, depois da de Freud e Adler – ou terapia do discurso. Mas, cuidado, sentido não pode ser inventado pela mente, como fórmula universal. Ele tem que surgir cristalino da mente; não é uma construção, é uma abertura superior que a mente tem que encontrar para se transcender. Enfim, é um advento. Yeats afirmou que os melhores careciam de convicções, e os piores estavam cheios de intensidade passional. Pois, Frankl tinha convicções e nunca perdeu a paixão pelo humano. Aleluia! ❶

Publicado no Íátrico nº 31, janeiro de 2013

SANTO DE CASA

Não aguento mais, você só me receita Tylenol! Se essa frase lhe soa familiar, caro colega, não está só. É verbalizada por nove entre dez esposas de médicos. Como se o cara depois de escutar queixas o dia inteiro tivesse que, ao regressar ao sagrado receso do lar, continuar fazendo serão num consultório domiciliar. Como se tivesse que saber toda a medicina e ainda lhe fosse exigida a infinita paciência de um santo. Quando não tem algum familiar telefonando e dizendo que a sugestão medicamentosa não funcionou, se não há um remédio melhor do que aquele. Ou o genro que voltou de um checke e reclama que você não lhe requisitou o ácido úrico que está alto, e como é que fica esse período que ficou sem tratamento? E você, sopesando a resposta, com o saco nas costas, é que não aguenta mais. Quer depô-lo a um canto, respirar fundo, e aliviar o peso de um dia de cão. Vai à geladeira ver se sobrou algum petisco. Está vazia. Apenas margarina e umas fatias de queijo. Fica pensando que só trabalha para os outros, que ninguém reconhece seu esforço, e matutando se se safava com um sanduíche – se é que tem pão – e uma gelada.

Senta-se, põe a mão no queixo e, por instantes, fica torcendo para que ninguém telefone, enquanto pensa no que fazer. Resta-lhe o jornal televisivo, mas viu que o sofá estava ocupado. Vai ver a correspondência e chegaram mais contas para pagar. Quem sabe navegar um pouco? Senta-se de novo, sob o peso dos erros e das escolhas, abre a caixa postal, e o computador trava. Nem em casa os vírus lhe abandonam. O que fazer? Não é um pormenor. Comunicar-se com um amigo para trocar figurinhas? Mas o mesmo pode estar sofrendo da mesma vacuidade existencial. Resolve zapear pela televisão a cabo, já que ler, neste momento, não é uma boa. Questão de redução cognitiva devido ao adiantado da hora. Detém-se num faroeste. Está acabando. Surpresa! O mocinho, com o qual se identificou e começou a torcer, morre no fim. Pô, você sabe que a vida tem que ser inventada e que o inventário vivido acaba em morte. Mas logo agora? No filme tudo é silêncio, e os sobreviventes começam a se movimentar lentamente, como mortos-vivos. Como meio vivo você está. Passam os créditos. Qualquer semelhança não é mera coincidência. ❶



A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

DRS. VARLEI SERRATO E RENÉ SANTOS NETO

A ideia deste texto nasceu da saudade de um bate-papo com o Dr. João sobre medicina e nosso cotidiano atual. Sempre era enriquecedor ouvi-lo e conhecer seu ponto de vista sobre as diversas questões da vida e do dia a dia de um médico. Pensando nisso, surgiu a proposta de explorar como a Inteligência Artificial (IA) poderia, de certa forma, trazer de volta um pouco desse diálogo. Assim, buscamos elaborar, com base em suas publicações no *Íátrico*, algo que pudesse evocar algum comentário “dele” sobre dois temas em destaque: redes sociais, inteligência artificial e o papel do médico nesse contexto.

O resultado são textos que, para nossa surpresa, capturam algo daquela conversa – um verdadeiro “tira-gosto” para os que tiveram a sorte de conhecê-lo e desfrutar desses momentos de troca. Esperamos que todos apreciem, especialmente aqueles que compartilharam dessa convivência.

e a saudade

Imagem e textos gerados por inteligência artificial.

ALÉM DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: O TOQUE HUMANO NA NOVA ERA DA MEDICINA

À medida que adentramos na era digital, a prática médica encontra-se à beira de uma transformação sem precedentes, impulsionada pelo avanço da Inteligência Artificial (IA). Contudo, ao considerarmos essa nova ferramenta em nosso arsenal, devemos ponderar não apenas sobre suas capacidades, mas também sobre os valores que nos definem como médicos e seres humanos.

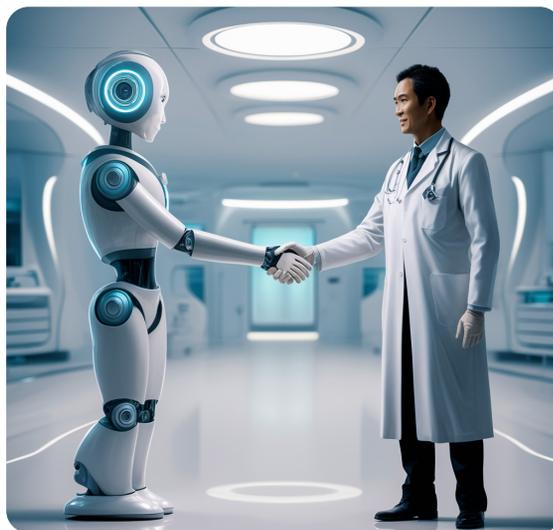
A IA, com sua capacidade de processar e analisar grandes volumes de dados em um piscar de olhos, promete revolucionar o diagnóstico e o tratamento, oferecendo precisão e eficácia antes inatingíveis. Mas, ao navegarmos por essas águas desconhecidas, devemos nos perguntar: onde fica o toque humano, a compaixão, o olhar atento que vê além dos sintomas e alcança a alma do paciente?

Devemos abraçar a IA como um complemento à nossa prática, não como um substituto. Ela pode nos fornecer diagnósticos mais precisos e tratamentos personalizados, mas a decisão final, embasada na ética, na empatia e no julgamento clínico, deve permanecer nas mãos do médico. Afinal, a medicina é uma arte tanto quanto uma ciência, e no coração dessa arte reside a conexão humana.

Conforme integramos a IA em nosso trabalho, devemos também fortalecer nosso compromisso com a aprendizagem contínua, não apenas das novas tecnologias, mas também das nuances humanas que definem a experiência do cuidado. A IA pode nos ajudar a identificar padrões e soluções, mas o calor de uma mão que segura outra em um momento de vulnerabilidade é insubstituível.

Em última análise, a verdadeira sabedoria médica não reside na quantidade de dados que podemos analisar ou no número de diagnósticos que podemos gerar. Ela se encontra na capacidade de usar essa informação para tocar vidas, aliviar o sofrimento e inspirar esperança. A Inteligência Artificial, por mais avançada que seja, não pode replicar a profundidade do cuidado humano.

Portanto, à medida que avançamos, façamos isso com um olhar voltado tanto para o futuro quanto para o passado, lembrando-nos das lições aprendidas ao longo dos séculos. Que a IA seja uma ferramenta que amplie nossas capacidades, mas que nunca nos desvie do cerne da nossa missão: cuidar do ser humano em sua totalidade, com compaixão, respeito e amor. 🤖



REDES SOCIAIS NA MEDICINA: ENTRE O COMPROMISSO E A TECNOEMPATIA DIGITAL

No turbilhão de avanços que testemunhamos em nossa era, as redes sociais emergiram como vértices de uma nova ordem de interação social e profissional, estendendo seus domínios ao coração da prática médica. Refletindo sobre este fenômeno, vejo-me compelido a compartilhar algumas considerações, tecidas pela vivência na medicina e paixão pelas letras e humanidades.

As redes sociais, sem dúvida, redefiniram os contornos da comunicação entre médicos e pacientes, criando um palco virtual onde o diálogo outrora restrito às paredes de consultórios e hospitais, agora se expande para além, alcançando um público antes inimaginável. Em minha percepção, esta ferramenta tem o potencial de desvelar a humanidade por trás do jaleco, aproximando-nos de nossos pacientes e da sociedade de maneira mais íntima e transparente.

Em minhas horas de reflexão e escrita, imaginei como poderíamos utilizar estas plataformas para educar, esclarecer dúvidas e promover uma saúde preventiva e participativa. O conhecimento médico, tão vasto e por vezes inacessível, pode ser partilhado de forma didática e empática, abrindo portas para um entendimento mútuo e uma relação de confiança fortalecida entre médico e paciente.

Contudo, a navegação por este mar cibernético não é sem seus escolhos. A questão da desinformação me aflige profundamente. Em tempos onde mitos e falácias sobre a saúde proliferam com a mesma velocidade que os fatos científicos, nós, médicos, nos vemos diante do desafio de sermos faróis de verdade.

A integridade da informação que compartilhamos é sagrada, e o compromisso com a precisão e a evidência científica deve ser inabalável.

Além disso, a presença médica nas redes sociais traz à tona dilemas éticos complexos sobre privacidade, confidencialidade e a linha tênue entre o profissional e o pessoal. A ética, pilar indissociável da nossa prática, deve guiar cada postagem, cada tweet, cada partilha, assegurando que a dignidade e o respeito pelo outro sejam sempre preservados.

Portanto, ao ponderarmos sobre o impacto das redes sociais na medicina, convido meus colegas e discípulos a um exercício de equilíbrio: como podemos nos valer desta ferramenta poderosa para enriquecer a prática médica, sem que percamos de vista a essência do nosso ofício? A resposta, acredito, reside na nossa capacidade de manter a humanidade no centro de toda interação, virtual ou não.

Que as redes sociais sejam, então, extensões do nosso compromisso com a saúde e bem-estar daqueles a quem servimos. E que, mesmo na vastidão digital, a voz do médico continue a ser uma fonte de confiança, empatia e sabedoria.

Refletindo sobre o caminho à frente, vejo estas plataformas não como substitutas, mas como complementos à nossa prática — instrumentos que, usados com sabedoria e discernimento, podem ampliar o alcance do nosso cuidado e da nossa compaixão. Que saibamos navegar este novo mar, mantendo firme o leme da ética e da humanidade, para que, mesmo nas ondas digitais, o coração da medicina continue a pulsar forte e claro. **📌**

REFLEXÕES PARA A NOVA GERAÇÃO DE MÉDICOS:

UM LEGADO DE SABEDORIA E HUMANIDADE

À medida que nos debruçamos sobre os desafios e oportunidades enfrentados pelos jovens médicos na década de 2020, sentimo-nos compelidos a compartilhar algumas reflexões, que são destinadas a servir como orientação e inspiração para a nova geração de médicos.

1

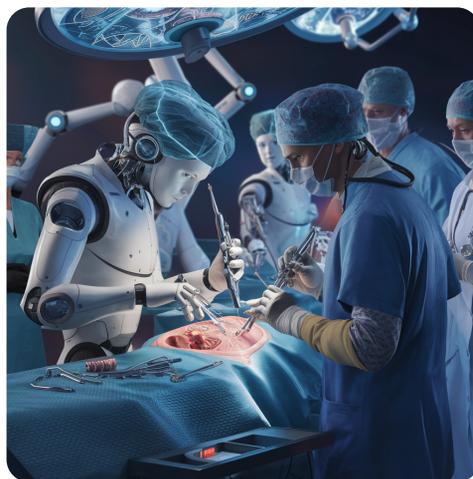
Abraçar a Tecnologia com Sabedoria

Neste momento revolucionário, exortamos-vos a abraçarem as inovações tecnológicas que transformam nossa prática. No entanto, lembrem-se de que estas ferramentas devem servir para aproximar-nos dos pacientes, não para nos distanciar. A tecnologia é uma extensão de nossas capacidades, não um substituto para o toque humano e a compreensão empática.

2

A Importância da Comunicação Eficaz

A comunicação é o alicerce sobre o qual repousa a relação médico-paciente. Aconselho-vos a cultivar a habilidade de comunicar de forma clara e compassiva, transformando cada interação em uma oportunidade para educar, confortar e empoderar os pacientes. A verdadeira comunicação vai além da transmissão de informações; é uma troca que pode curar.





3 Compromisso com a Aprendizagem Contínua

A medicina é uma ciência em constante evolução, e permanecer estagnado é retroceder. Encorajo-vos a manter a humildade intelectual e a curiosidade, comprometendo-se com uma educação contínua que vos permita crescer e adaptar-se. O conhecimento é vasto, mas a jornada do aprendizado é o que define um grande médico.

4 Cultivar a Empatia e a Humanidade

Lembro-vos de que, no centro de nossa profissão, está o cuidado com o ser humano. Cada paciente carrega consigo uma história única, cheia de esperança, medo e vulnerabilidade. Incentivo-vos a ver cada indivíduo como um todo, abordando o tratamento com uma sensibilidade que reconheça e respeite sua singularidade.

5 Preservar a Ética acima de Tudo

A ética deve ser a bússola que guia todas as nossas ações. Em um tempo onde a pressão para priorizar o lucro sobre o bem-estar pode ser intensa, permaneçam firmes em seus princípios, assegurando que a dignidade e os direitos dos pacientes estejam sempre em primeiro lugar.

6 A Medicina como Arte

Por fim, lembro-vos de que a medicina é tanto uma arte quanto uma ciência. A capacidade de ouvir verdadeiramente, de interpretar não apenas os dados clínicos, mas também os silêncios e entrelinhas, é o que nos aproxima da verdadeira compreensão e do cuidado eficaz.

Encerro estas reflexões com a esperança de que vos sirvam de guia e inspiração. Que possais abraçar a beleza e os desafios da medicina com coragem, compaixão e um compromisso inabalável com a humanidade. Que a jornada que agora iniciam seja repleta de descobertas, crescimento e, acima de tudo, uma profunda satisfação no serviço aos outros. **📌**

GUIA DE BORDO

DR. PAULO MARQUETTI

Nesta edição da nossa revista, cujo tema central é a revolução digital, optei por convidá-los a percorrermos juntos a longa trajetória da comunicação humana desde os primórdios da história até a inteligência artificial, com a qual estamos aprendendo a conviver e trabalhar. Lembro-lhes que esta lista de músicas é pessoal, e como tal, sujeita a críticas por eventuais omissões e inclusões que alguns possam considerar inadequadas. De todo modo, aceito as eventuais críticas, esperando que as escolhas lhes agradem. Dito isto, peço-lhes que por favor me acompanhem em mais esta viagem musical.



MORAES MOREIRA *Pombo Correio*

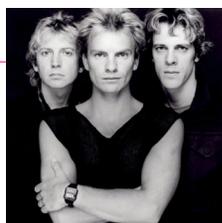
Nesta música o baiano nos traz o otimismo com o envio de uma carta a ser levada por um pombo até seu destino, bem como mostra-se ansioso pelo retorno do pombo com a resposta.

Esse método se mostrou extremamente eficaz, razão pela qual foi usado durante séculos.



THE POLICE *Message In A Bottle*

Para animar um pouco o clima, aqui Sting fala que está enviando uma mensagem em uma garrafa para ver se alguém responde e acaba com a sua solidão. Um ano depois, recebe “bilhões” (sic) de mensagens trazidas pela maré, e descobre que não estava sozinho na sua solidão. Eis aqui um final feliz. Mesmo que continue sem companhia, terá um bom lucro vendendo suas garrafas. Esta música serve para nos lembrar que no período das grandes navegações, usou-se muito este modo de envio, contando com a sorte de que alguém recebesse a mensagem, nem sempre a tempo de socorrer o barco que estava afundando.



PHOEBE BRIDGERS *Smoke Signals*

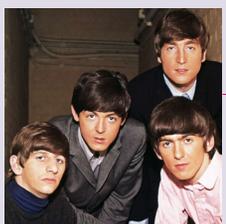
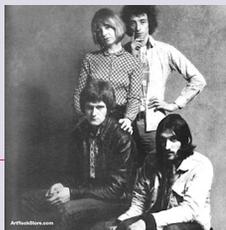
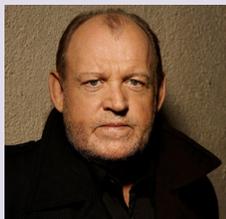
Nesta singela balada, a autora lembra o quanto sente falta do seu amado, que podia pelo menos enviar sinais de fumaça queimando lixo na praia sendo observado pelos pelicanos, e nos traz a lembrança de que talvez tenha sido esta a primeira tentativa da espécie humana em superar distâncias e estabelecer um contato.

NELSON GONÇALVES *Pombo Correio*

Aqui temos a lembrança de que às vezes o pombo correio podia não dar muito certo. Além da dor de cotovelo por ter sido abandonado, ele teve que aguentar a perda de todos os pombos que enviou, além da morte do seu canário, a roseira que murchou, o mutismo do papagaio e um cano furado... desgraça pouca é bobagem. Alguém pode, por favor, lhe receitar um antidepressivo?

SIMON & GARFUNKEL
Why don't you write me

Enquanto Joe Cocker fica feliz com a carta que recebeu, aqui Simon e Garfunkel expressam a angústia de quem espera uma carta ou pelo menos um cartão que nunca chega. Mesmo que seja para dizer que ela está indo embora, ainda assim é melhor do que essa espera. Após esperar de segunda a sexta sem a carta chegar, talvez só reste ao autor pendurar-se em uma árvore. Um final com uma expectativa trágica demais para uma música tão alegre...



CHICKEN SHACK
The Letter

Neste belíssimo blues, temos o vocal maravilhoso de Christine Perfect, que mais tarde se casaria com John McVie, passaria a se chamar Christine McVie, e entraria para a banda Fleetwood Mac, dividindo os vocais com Stevie Nicks. Escolhi esta música porque traduz a dificuldade de quem está tentando escrever uma carta mas não consegue escolher as palavras certas. Quem nunca passou por isso?

PAUL MCCARTNEY
I'm gonna sit right down and write myself a letter

Neste belíssimo álbum de 2012, Kisses on The Bottom, Sir James Paul McCartney prova que consegue cantar jazz dos anos 30, como nesta gravação em homenagem a seu pai, que havia sido um músico de jazz. Na falta de quem lhe escrevesse uma carta, o autor da música diz que irá ele mesmo escrever para si próprio uma carta, como certamente sua amada teria feito...

Mais uma gravação que chegou ao topo das paradas de jazz americanas. Ao piano, a fantástica Diana Krall.

RITA LEE
Cartão Postal

Neste blues de Cazusa, Rita nos lembra de que às vezes é muito doloroso o rompimento de uma relação e é bem mais confortável mandar um simples cartão postal, que nem tem espaço suficiente para escrever muita coisa. Usualmente todos mandavam postais em suas viagens, pelo menos até eles serem substituídos pelas fotos do Instagram. Hoje alguém ainda manda cartões postais? Tal como as cartas, a revolução digital os relegou a um papel meramente histórico. Inclui esta música pela sua doce ironia, de que um cartão postal pode nem sempre trazer notícias agradáveis.

JOE COCKER
The Letter

Nesta brilhante interpretação da música originalmente lançada por The Four Tops, o grande cantor corre para comprar uma passagem de avião para ir ao encontro de sua amada que lhe enviou uma carta dizendo que o ama. Não importa o quanto vai custar, ele precisa voltar para casa o quanto antes.

THE BEATLES
Please Mister Postman

Gravada pelos Beatles no seu segundo álbum, With The Beatles, esta canção, originalmente gravada por The Marvelettes em 1961, foi a primeira da Motown a chegar ao primeiro lugar na Billboard. Assim foi que os Fab Four a escolheram para seu disco. Mais tarde outra gravação de muito sucesso foi com The Carpenters em 1974, que também chegou ao topo da lista da Billboard. Foi incluída na nossa lista não só pelo contexto histórico, mas porque reflete o quanto pode ser angustiante a espera pelo carteiro.

NAT KING COLE
Love Letters

Nesta gravação de Mr. Cole da música tema do filme homônimo de 1945, ele tenta descrever as emoções de se receber uma carta de amor. Memorizar as palavras, beijar a assinatura, reler o texto inúmeras vezes, tudo isso só serve para reforçar o clássico aforisma que diz que quem está apaixonado fica bobo e perde o senso do ridículo. Será mesmo?

ROBERT PLANT & ALISON KRAUSS
Please read the letter

Aqui temos a expectativa de quem enviou uma carta e espera ansiosamente pela resposta. O álbum de Plant e Krauss, Raising Sand, ganhou o Grammy de melhor álbum de 2009.

ENTRE NESSA VIAGEM
COM O DIÁRIO DE BORDO.
TRILHA SONORA DO
IÁTRICO NO SPOTIFY 
<http://tiny.cc/iatrico43>





ZECA BALEIRO

Telegrama

Aqui o compositor maranhense nos traz a alegria de receber um telegrama dizendo que o seu amor é correspondido. Fica-se tão feliz que chega-se a querer mandar flores ao delegado, dar bom dia ao vizinho e até mesmo beijar o português da padaria...Só quem sentiu alegria semelhante entende a riqueza poética aqui expressa.

PET SHOP BOYS

E-mail

Claro que não poderia faltar uma música falando dos e-mails, hoje a forma de comunicação mais popular, sem as barreiras de distância ou de tempo, embora ainda sujeita às regras da burocracia, quando temos que nos lembrar que ao enviar um e-mail, não significa que o destinatário o lerá ou responderá de imediato, e que a comunicação pessoal ainda é mais efetiva. Nesta gravação o duo inglês enfatiza a praticidade do e-mail, mesmo que seja só para dizer "I love you".

WALTER CARLOS

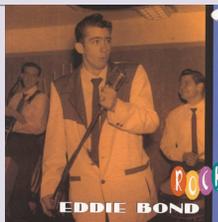
J. S. Bach's Brandenburg Concerto Number 3 In G Major - Final Movement

Em outubro de 1968, em uma convenção da American Eclectronics Society, ao final de uma palestra de Robert Moog intitulada "Tendências Recentes no Desenho de Estúdios de Música Eletrônica", esta faixa foi a primeira a ser divulgada do álbum Switched-On Bach, o primeiro a trazer execuções completas das obras de J. S. Bach, executadas por Walter Carlos exclusivamente ao sintetizador Moog, e que foi o divisor de águas no sentido de difundir o potencial do mesmo para o futuro da música, e não mais uma mera curiosidade a ser usada em solos curtos ou efeitos sonoros. Por este motivo é que a incluí aqui.

KRAFTWERK

The Telephone Call / House Phone

Em 1970, surgiu na Alemanha (onde mais poderia ser?) uma banda que se tornou a precursora de música pop eletrônica, e que hoje é considerada até mais influente que os Beatles na história da música popular. De 1970 até 2008, suas gravações mudaram o rumo da música, e sua influência se faz sentir até hoje. Escolhi esta faixa para a nossa playlist porque ela traz ruídos da história da comunicação que todos reconhecerão em suas lembranças.



EDDIE BOND

Memphis Tennessee

Neste clássico do rock'n'roll, aqui na gravação original de 1956, e que teve enorme sucesso, com gravações de Elvis Presley e Johnny Rivers, entre outros, lembramo-nos da época em que tínhamos que ir à central telefônica e solicitar uma ligação interurbana, a qual muitas vezes teria que ser agendada para algumas horas mais tarde, quando então voltaríamos lá para falar com quem queríamos. E nem faz tanto tempo assim...



DISTINTIVO BLUE

Você roubou o meu pendrive

Neste blues o autor reclama que a namorada levou o seu pendrive, onde ele tinha salvo todos os seus blues, e ele pede que ela o devolva sem deletar nada, chegando a fazer uma ameaça irônica do que fará se ela não o devolver. Quem mandou o cara não fazer um backup?



XOTE SANTO

Facebook e Whatsapp

Como a nossa playlist está com pouco espaço livre, incluí aqui em uma única música dois recursos extremamente difundidos da revolução digital, em que os autores nos lembram do tempo que as pessoas dedicam às mensagens, muitas vezes com prejuízo da comunicação direta entre elas. É só olharmos à nossa volta em um restaurante para comprovarmos isso.



THE BEATLES

Now and Then

Desde que surgiu a ideia de que o tema central do látrico nº 43 seria a revolução digital, eu escolhi esta música para encerrar a nossa viagem. Embora a banda tenha encerrado a sua carreira em 1970, e John Lennon tenha morrido em 1980 e George Harrison em 2001, a revolução digital permitiu que, tendo sido encontrados nos baús da EMI uma demo do John e um solo de guitarra não utilizado do George, eles fossem mixados digitalmente junto com gravações novas de Paul no baixo e Ringo na bateria, novas harmonias vocais e uma belíssima orquestração de cordas acrescentadas pelo produtor Giles Martin, filho do "quinto Beatle" George Martin. O resultado final foi esta "nova" música dos fab four, lançada em novembro de 2023. Sem a revolução digital ela jamais teria existido.



Assim, encerramos mais esta viagem musical. Espero que gostem de ouvi-la tanto quanto eu gostei de prepará-la. Até a próxima viagem! 



Um dos pratos mais típicos da Espanha

DR. VALDERILIO FEIJÓ AZEVEDO*

A HISTÓRIA DA PAELLA VALENCIANA E "LA VALENCIANA"

A origem da paella valenciana remonta aos séculos XV e XVI nas áreas mais rurais da região espanhola de Valência. Este prato nasceu da necessidade dos camponeses de preparar uma refeição fácil com os ingredientes que tinham disponíveis. Atualmente, transformou-se no prato mais famoso das casas de Valência e um dos pratos mais destacados da gastronomia espanhola.

**Dr. Valderilio é sócio-proprietário do Restaurante Saaz, localizado na Rua Alberto Bolliger 288, no Juvevê em Curitiba-PR.*



A ORIGEM DA PALAVRA PAELLA

Existem duas lendas do nome deste prato gastronômico típico, a primeira delas é por causa da palavra "paella" – vem do latim especificamente "patella", que significa frigideira. Mas, outros afirmam que vem da lenda de que um homem preparou uma paella para ganhar o carinho de sua amada, então ele preparou um prato "para ela", a atual paella.

UMA RECEITA ÚNICA

A receita da paella valenciana é tida como uma das polêmicas mais populares entre a região leste e o resto da Espanha. A principal discussão reside nas diferenças entre os ingredientes incorporados no prato. Obviamente, a receita da paella evoluiu à medida que incorporava todos os ingredientes que os camponeses tinham à sua disposição, tais como: coelhos, aves ou caracóis. Tudo isso, misturado com os vegetais sazonais que eram cultivados, bem como arroz, açafrão e azeite. Mas todas as variações do prato surgiram da receita original. O arroz usado é tipicamente cultivado na albufera (origem árabe, 'al-buhayra' que significa "o pequeno mar"), grande lago de água doce ou salobra de Valência. Assim, a produção em massa desta cultura do arroz também foi um marco para a popularização regional da paella.

As paellas sempre foram cozidas em fogo de lenha, especialmente em madeira de laranjeira. O fogo é o principal gatilho para o resultado de uma boa paella e seu controle é a base fritar e cozinhar arroz.

A partir da receita original os valencianos e outros espanhóis da região leste começaram a variar os seus ingredientes: os caracóis e ratos da lagoa foram eliminados, até que foi criada a atual receita original da paella valenciana. No entanto, suas variantes vêm se expandindo dependendo da área em que estamos. Por exemplo, nas áreas marítimas o prato resultou na inclusão de frutos do mar ou peixes para criar, à já consolidada, paella de peixe.

ELABORAÇÃO DE UMA VARIAÇÃO DO PRATO TÍPICO MESCLADO COM FRUTOS DO MAR

No Brasil, país com vasto litoral, os frutos do mar são facilmente disponíveis e nos permitimos acrescentar à paella alguns deles como os mexilhões, lulas e camarões.

Em primeiro lugar, deve-se despejar o óleo na paellera e aquecê-la. Quando estiver em temperatura alta, acrescentar a carne de frango e coelho previamente picados e salgados. As partes devem ser douradas e também cozinhadas por dentro em fogo médio. Este primeiro passo é essencial para alcançar a paella perfeita. A carne deve estar bem dourada antes de passar para a próxima etapa. A carne deve ser bem refogada com óleo quente antes de adicionar qualquer outro ingrediente. Ela deve ficar dourada e crocante por fora antes de continuar e adicionar os legumes. No momento em que a carne ganha cor, adicionam-se os vegetais. Tudo deve ser mexido por alguns minutos e o conteúdo colocado nas bordas da panela, deixando um espaço no centro. Nesse momento pode-se



adicionar o tomate, a páprica; acrescentando assim um pouco de sabor junto com o restante dos ingredientes.

A quantidade de água deverá ser sempre o dobro da quantidade de arroz que se vai adicionar e ela deve ser salgada a gosto e colocada antes do arroz. Normalmente é fervida por cerca de 20 minutos, segundo os mais tradicionais cozinheiros. Finalmente o arroz é despejado na paella. Antes de espalhar o arroz, deve-se aproveitar para polvilhar o corante. Um bom açafraão nunca é dispensável! Em seguida, o arroz é distribuído na paella, fazendo com que os grãos sejam submergidos sob o caldo preparado previamente. A temperatura para cozinhar o arroz é um segredo importante. Durante os primeiros 8 ou 10 minutos, é importante que o fogo seja forte e que o nível da água caia até que

a superfície do arroz comece a se projetar. Nesse momento, deve-se controlar o fogo no caso de queima de lenha ou diminuir sua intensidade se o fizermos no fogão para deixá-lo cozinhar por mais 6 ou 8 minutos. Antes de terminar o preparo, é importante prová-lo, pois se o arroz ainda estiver um pouco duro, podemos deixá-lo por mais 4 minutos em fogo muito baixo. E principalmente, antes de servir, o arroz tem que descansar por 5 a 10 minutos. Para a nossa receita (vide foto), é possível substituir o coelho por frango. Ao final do tempo de cozimento, acrescentamos camarões (lembrar que não mais do que três minutos de cozimento). Nessa receita também escolhemos acrescentar mexilhões limpos e enfeitar o prato com camarões grandes com casca previamente dourados com cebola, pimentões e alho. Divirtam-se! **i**



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br